



Apresentação

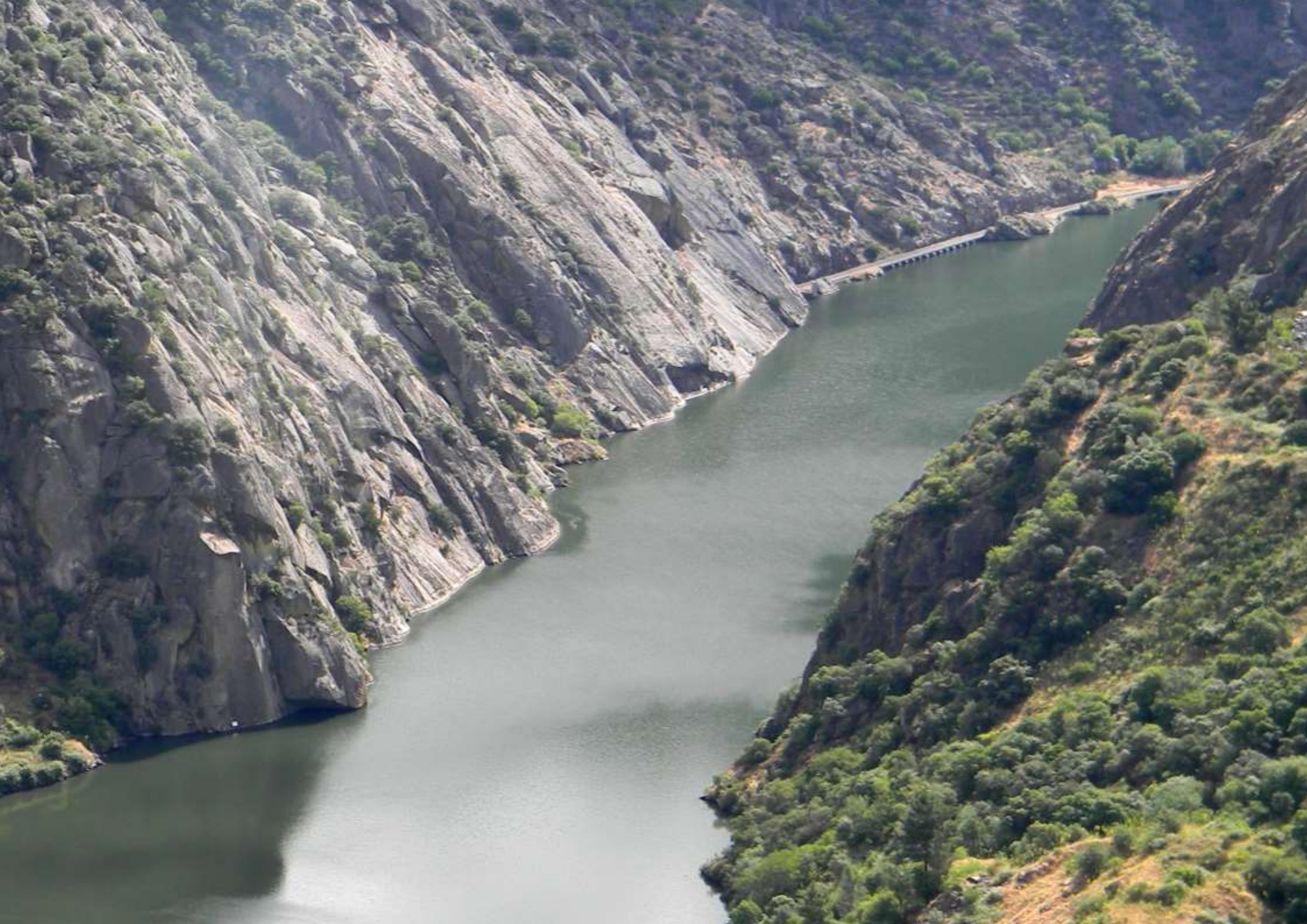
A identidade de um lugar exprime-se nos gestos, saberes e sabores, momentos e práticas... saber o que esse lugar é, permite descobrir quais as suas características, a sua personalidade, a sua evolução, e acima de tudo saber o que esse lugar representa.

O actual território de S. João da Pesqueira, foi ao longo de cerca de seis mil anos um espaço de diversas comunidades, vivências, vicissitudes, ambiências sociais e económicas. São momentos da História Local e consequentemente da História de um território e do País.

O território de S. João da Pesqueira, a sua definição, características e composição é o resultado de um processo histórico contínuo, em que o Homem foi procurando e encontrando nos seus espaços áreas para a prática da caça, construindo e erigindo espaços funerários, ocupando e construindo recintos amuralhados no cume das elevações, foi dominando as técnicas de trabalhar e utilizar diversos materiais como o ferro, bronze e cobre, foi constituindo pequenas “*villa*” e personificou uma nova mentalidade religiosa, edificou muralhas, fortificações, e pequenas igrejas, procura na agricultura o seu sustento económico criando toda uma panóplia de pequenas unidades de produção, idealiza a construção de uma paisagem do vinho, estabelece lugares de culto, lugares mágicos e de romaria, procura viver num território cujo eixo estruturante é o rio Douro e para o qual, recentemente, direccionou a construção de uma paisagem cultural, da qual resultou todo um conjunto de práticas sociais, económicas e culturais.

Neste percurso pelo espírito do lugar, percorrem-se diversos locais, escalas, localizações, paisagens, propriedade, ambiências naturais e vulnerabilidades, associados a gostos, a mudanças sociais, culturais e económicas, reflectindo o “*modus vivendi*” das comunidades, as verdadeiras construtoras do território.

Ao longo dos Caminhos da História, este é o Espírito do Lugar...



Locais – Espaços – Percursos – Momentos – Saberes - Território

Arqueologia Dólmen de Areita . Abrigo das Pinturas Rupestres da Fraga D'Aia . S. Salvador do Mundo . Anta da Senhora do Monte . Senhora da Assunção . Paredes da Beira . Calçada do Lugar da Relva . Calçada da Serra de Sampaio

Pelourinhos Soutelo do Douro . Várzea de Trevões . Paredes da Beira

Igrejas (e outras com interesse) Santa Marinha de Trevões . Igreja Matriz de S. João . Capela da Mata do Cabo . S. Bartolomeu de Paredes da Beira . Santos Mártires . S. Bartolomeu de Vilarouco

Solares (e outros com interesse) Casa do Cabo . Casa dos Saavedras (*do Cão*) . Solar do Corte Real (Casa do Adro) . Solar dos Sousa Azevedo . Casa dos Soverais . Solar dos Caiado Ferrão . Solar dos Pintos . Solar dos Almeida Coutinho . Solar do Dr. Caiado Ferrão . Casa dos Seixas . Casa Maria Irene Fernandes . Paço Episcopal de Trevões . Casa de Câmara de Soutelo do Douro . Casa da Fonte . Casa dos Sobrais . Casa do Brasileiro . Antigo Hotel . Edifício dos Paços do Concelho . Ponte no rio Távora . Palácio de Cidrô

Sítios e conjuntos com interesse Trevões . Várzea de Trevões . Ferradosa . S. Xisto . Praça da República (rua dos Gatos e rua Direita) . Paredes da Beira . Pereiros

Museus Museu Eduardo Tavares . Museu de Trevões . Museu de Arte Sacra de Trevões . Museu do Vinho . Museu do Azeite

Arquitecturas da vinha e do vinho Vale do rio Torto (Casais do Douro e Sarzedinho) . Ventozelo . Roriz . Frei Estevão . Nagoselo do Douro . Vargelas

Paisagem cultural e natural Valeira . Vale do rio Torto

Elevações mágicas e sagradas S. Salvador do Mundo . Senhora de Lurdes . Senhora das Neves . Senhora do Monte . S. Domingos . Santa Cruz . S. Paio . Senhora da Assunção . Santa Bárbara

Rituais festivos e ciclos agrícolas Festa dos Saberes e Sabores do Douro . S. João . Senhora do Monte . Vindimas . Apanha da Azeitona

Recriações históricas Vindouro, Festa Pombalina

Terroir Vinho . Azeite . Amêndoa . Castanha . Maçã . Cereja . Figo . Mel . Noz . Criação de gado . Queijo . Enchidos . Pesca

Saberes imateriais Técnicas construtivas . Práticas religiosas e processionais . Gastronomia



Os trabalhos de intervenção arqueológica decorridos entre 1996 e 1998, proporcionaram uma panóplia de materiais que se encontram em exposição no Museu Eduardo Tavares. O Dólmen de Areita faz parte de uma necrópole originalmente constituída por cinco monumentos megalíticos.

Localizado na periferia da estrada municipal que liga Paredes da Beira a Riodades, o Dólmen de Areita é composto por uma câmara poligonal de sete esteios e corredor médio; com base nos artefactos encontrados, pelas suas características e pelas datações realizadas, podemos situá-lo cronologicamente nos finais do IV^o milénio a.c.

Os materiais encontrados nestes monumentos reflectem não só o modo de vida das comunidades que constroem estes sepulcros (machados, enxós, goivas, pontas de setas, facas e contas de colar, vasos cerâmicos), como também demonstram fortes crenças religiosas (ídolos, objectos votivos).

Nos esteios 4 e 7 da câmara foram identificados diversos motivos gravados, destacando-se o motivo existente na laje central. Com base nas datações realizadas aos vestígios osteológicos encontrados neste monumento, foi identificada a presença de um número mínimo de seis indivíduos.

Dólmen de Areita



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 2' 47" N
7° 28' 16" W



Acesso livre
Todo o ano



Intervencionado na década de 80, o abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia localiza-se a sudoeste da freguesia de Paredes da Beira, na margem direita do rio Távora. Conhecido por “Penedo dos Macacos”, este abrigo foi ocupado durante um período de tempo relativamente pouco longo e onde se realizaram pinturas em tons de vermelho, com uma provável conotação religiosa. Abrigo com cerca de 7 m de comprimento e 3 m de largura, com parede em cuja superfície foram executadas pinturas a vermelho, e plataforma com enchimento e vestígios de ocupação Pré-histórica.

Cronologicamente datável dos inícios do IV milénio a.c., teve inicialmente uma ocupação esporádica, mas com maior incidência ocupacional nos finais do IV milénio a.c., quando se executa a primeira representação do painel – cena de caça a um cervídeo – para posteriormente se assistir á execução do restante painel, onde se representam motivos antropomorfos (seres humanos) e zoomorfos (animais). O material cerâmico recolhido é manual, na sua maioria liso e de cor alaranjado, sendo alguns recipientes decorados; o material lítico é em pedra lascada e polida, destacando-se elementos de moinhos manual, lascas, uma enxó e um pequeno machado, que se encontram em exposição no Museu Eduardo Tavares.

Pinturas Rupestres da Fraga D'Aia



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 17" N
7° 29' 52" W



Acesso livre
Todo o ano



O monte de S. Salvador do Mundo, o Ermo, ou Castelo Velho, foi ocupado desde a Pré-História até aos dias de hoje. A sua posição geo-estratégica fez com que, desde pelo menos desde os finais do IV milénio a.c., sejam ocupados os abrigos rochosos, e mais tarde o topo e as suas encostas.

Os vestígios arqueológicos são na sua maioria cerâmicos, existindo uma lápide funerária romana do século III na Capela Maior e elementos arquitectónicos do período romano nas diversas capelas. As denominações "Largo das Covinhas" e a existência a meio da encosta de plataforma denominada por "Praça dos Mouros", enunciam um conjunto de pequenas estruturas escavadas na rocha (*gastras*, *covas*) assim como de pequenos abrigos.

Durante os anos de 2007 a 2009, intervenções arqueológicas no alpendre de recepção aos peregrinos (século XVIII) e na recuperação do miradouro da Praça dos Mouros, permitiram encontrar e constatar a ocupação contínua deste local, com a presença de cerâmicas do III milénio a.c., artefactos em bronze e ferro, vidro e numismática romana e moderna, cerâmica medieval e moderna... que se encontram em exposição no Museu Eduardo Tavares.

S. Salvador do Mundo



S. João da Pesqueira



Estrada Nacional
N. 222-3



41° 09' 03" N
7° 22' 15" W



Acesso livre
Todo o ano



Ao longo da linha de cumeadra da elevação conhecida por Senhora do Monte (também denominada de Senhora do Vencimento), e na periferia de uma capela dedicada ao culto religioso, é possível observar a anta da Senhora do Monte. Este monumento funerário, tem cerca de 10,5 metros, no eixo Norte-Sul, 13,5 metros, no eixo Este-Oeste, e 1 metro de altura.

Originalmente constituída por três monumentos, a necrópole megalítica da Senhora do Monte, era um conjunto de dólmens/antas de cariz funerário, construídas (datação genérica) entre o IV/III milénio a.c. . Espaço fúnebre, onde o material utilizado para a sua construção foi o xisto para os esteios (pedras erigidas ao alto) e o quartzo, pedrame da mamoa (espaço circundante da anta).

Na actual área sul do concelho de S. João da Pesqueira, nos monumentos deste género, utilizou-se o granito. A sua imponência, a sua escala também difere em relação aos monumentos existentes na área sul do actual concelho, existindo estruturas de grande dimensão, contrapondo com a necrópole megalítica da Senhora do Monte, de dimensões e escalas mais reduzidas. A sacralização desta elevação prolongou-se ao longo dos tempos, facto para o qual também contribuiu a sua vasta amplitude visual...

Anta da Senhora do Monte



S. João da Pesqueira



Estrada Nacional
N. 222



41° 09' 37" N
7° 26' 31" W



Acesso livre
Todo o ano



Localizado numa pequena elevação, e seguindo a designação “Cidade do Sol e dos Sete Castelos”, o povoado da Senhora da Assunção, remete-nos para uma das várias ocupações que a actual povoação de Paredes da Beira teve ao longo dos tempos.

A actual povoação de Paredes da Beira, localiza-se a sul e a sudoeste deste povoado, numa área mais plana. Ocupando o topo de uma elevação com amplitude visual, e aproveitando a orografia e os materiais geológicos ali existentes, este povoado apresenta de forma bem visível uma linha de muralha e indícios de estruturas habitacionais. Esta linha de muralha tem aproximadamente 3 m de largura, encontra-se implantada na vertente Norte, sendo possível observar o pedrame talhado nos seus alicerces.

Ao longo dos tempos teve várias ocupações, destacando-se a Idade do Bronze (final), do Ferro e Medieval. Para além desta linha de muralha e de ruínas das estruturas habitacionais existentes no seu interior, foram encontradas diversas cerâmicas lisas, de produção manual e a torno, assim como de um berrão, com a inscrição AMBROECON no seu dorso.

Estes vestígios e elementos arqueológicos encontram-se em exposição no Museu Eduardo Tavares.

Senhora da Assunção



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 57" N
7° 28' 22" W



Acesso livre
Todo o ano



A dimensão considerável do núcleo antigo de Paredes da Beira, associada à existência de um património arqueológico (Pinturas da Fraga d'Aia e Necrópole Megalítica de Areita) e arquitectónicos ímpares, evidenciam a importância que Paredes da Beira terá tido no passado, nomeadamente a ocupação de povoados nos limítrofes do aglomerado, e no seu extremo Norte, como é o caso da Nossa Senhora da Assunção, e da ocupação romana (é perceptível a utilização e o uso de muitos materiais da época romana e medieval em muitos imóveis).

Percorrendo as artérias que se localizam a Norte, conseguem-se visualizar ruas, becos e artérias de cariz remota e evidenciadora do passado do aglomerado, ruas estreitas, onde apenas se circula a pé, e imóveis de diversas volumetrias e função habitacional, sendo que, como se referiu, existe o reaproveitamento de muito material de diferentes épocas no seu aparelho construtivo, sendo vários os vestígios de época romana visíveis, nomeadamente bases de colunas, fustes de colunas, tambores, mós, marcas de forxex... A importância, variedade e dispersão de materiais arqueológicos ao longo da actual povoação, levam a supor a existência de um *vicus* na época romana, provável capital de um povo indígena, os *Arabrigenses*.

Paredes da Beira



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 53" N
7° 28' 35" W



Acesso livre
Todo o ano



Século III a.c. ... assiste-se à presença das primeiras legiões de Roma na Península Ibérica, e ao seu estabelecimento no território do Douro, mais concretamente a partir dos inícios do século II a.c. .

Fundindo-se com as populações locais, os romanos reutilizaram, desde o século I, os espaços de ocupação castreja, transformando muitos deles em pontos de defesa militar ou simples atalaias de vigilância. Paralelamente, desceram aos vales, introduziram ou fomentaram a cultura da vinha, da oliveira e dos cereais “trilogia cultural da agricultura mediterrânica”, aproveitaram as inúmeras fontes de água, desenvolveram a mineração, construíram estradas e pontes.

Assiste-se a um sincretismo cultural, mistura de crenças, valores e representações onde se fundem vestígios de cultos religiosos indígenas, com outros romanos e orientais, altares de sacrifícios escavados nas rochas, inscrições romanas.

No sopé da Serra de Sampaio, existe um troço de calçada de provável construção romana, e que durante períodos posteriores serviu de ligação e de passagem por esta serra por parte de comunidades, mercadores, exércitos... contornando-a, em direcção a Paredes da Beira, onde também subsiste pequeno troço de calçada. Este troço, tem cerca de 30 m de extensão.

Calçada do Lugar da Relva



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 08'' N
7° 25' 54'' W



Acesso livre
Todo o ano



Nesta conceção de território, ao longo do atual território de S. João da Pesqueira, são criadas pequenas *villae* e *vicus* (unidades administrativas e agrárias), assiste-se à ocupação de pontos estratégicos de boa visibilidade, como aconteceu em S. Salvador do Mundo, troços de estradas que permitiam a ligação a Sul para Viseu, e a Norte pelo Vale do Douro, marcos mileários, elementos arquitetónicos e votivos, numismática e cerâmica romana datada entre o século I e o século IV.

Na continuidade do troço de calçada existente no sopé da Serra de Sampaio, subsiste a meia encosta da mesma, em área periférica do Castelo Velho de Trevões, a continuidade dessa calçada, em troço com cerca de 800 m de extensão, sendo que cerca de 200 m são em lageado contínuo. Enquanto o troço anterior apresenta uma forma linear, este troço, ao estar implantado em plena orografia de serra, apresenta algumas curvas no seu percurso, sendo que a sua largura é mais reduzida em relação ao anterior, em média 2,5 m, enquanto o anterior tem entre 2,75 m a 3 m de largura.

Está na memória da população, a existência de um edifício, uma antiga estalagem no topo deste troço, quando este antigo caminho toma o curso descendente em direcção a Paredes da Beira.

Calçada da Serra de Sampaio



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 28" N
7° 26' 29" W



Acesso livre
Todo o ano



A povoação de Soutelo do Douro foi durante o período da Idade Média, parte integrante do senhorio do Cabido da Sé de Lamego, que lhe deu primeiro foral no século XIV, na pessoa do Bispo D. Paio Furtado. Teve foral novo manuelino outorgado em 1514 por D. Manuel I, sendo posteriormente extinto este concelho no ano de 1830, durante o processo de reforma e organização administrativa liberal, passando a estar integrado no concelho de S. João da Pesqueira, do qual é actual freguesia.

O pelourinho que actualmente se encontra na praça da povoação, em área contígua ao antigo edifício dos Paços do Concelho mandado edificar por D. Maria I, com tribunal e cadeia, terá sido construído na sequência do foral manuelino (1514) como atesta a presença da esfera armilar, emblema pessoal de D. Manuel I (um dos símbolos do estilo manuelino) conjugada com o escudo das quinas. Merece ainda destaque a (tímida) presença dos colunelos cantonais do bloco de remate, compondo *ferroneries* de feição italianizante.

Este pelourinho está classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 23 122, DG n.º 231, de 11-10-1933).

Pelourinho de Soutelo do Douro



Soutelo do Douro



Estrada Municipal
N. 501



41° 11' 13" N
7° 26' 00" W



Acesso livre
Todo o ano



Até ao século XVIII era designada de Várzea de Trovões, mas, também, Várzeas do Douro, Várzeas do Bispo, ou, Várzeas. Foi vila e sede de concelho até 1836 sendo depois anexada ao concelho de Trevões na qualidade de freguesia. Extinto este em 24 de Outubro de 1855, passou para o actual concelho de S. João da Pesqueira.

Localizado junto ao edifício da antiga cadeia e tribunal, encontra-se o pelourinho da localidade. Elemento representativo da estrutura político-administrativa e judicial, possui fuste octogonal assente sobre quatro degraus, ornado pelas armas de Portugal e rematado por um pináculo. Os dois degraus que lhe servem de base pousam num maciço de cimento.

Estrutura em granito, composta por soco circular de cinco degraus, os dois inferiores de cimento, onde assenta o fuste octogonal, encimado por capitel com o mesmo perfil, onde surgem representadas as quinas.

Remate em tabuleiro octogonal, onde repousa um pináculo cónico, provavelmente da época seiscentista.

Pelourinho de Várzea de Trevões



Várzea de Trevões



Estrada Municipal
N. 504-3



41° 05' 49" N
7° 27' 32" W



Acesso livre
Todo o ano



A povoação de Paredes da Beira, recebe, conjuntamente com S. João da Pesqueira e outras localidades do actual Centro e Norte de Portugal, carta de foral entre 1055 e 1065, sendo sucessivamente confirmado até aos inícios do século XVI, nomeadamente no ano de 1514, quando D. Manuel I concede Foral Novo a esta localidade, e terá impulsionado a construção deste pelourinho, sem no entanto se colocar de parte a anterior existência de outro marco jurisdicional. Contudo, em 1830, este concelho é extinto e integrado no concelho de S. João da Pesqueira, o que terá levado ao processo de desmantelamento desta peça arquitectónica, sendo muito posteriormente reconstruído (1989).

Pelourinho de arquitectura civil, revivalista, neo-manuelina. A base é em tambor cilíndrico; o fuste é de secção quadrilobada, formado por quatro colunas embebidas, sem decoração, onde assenta directamente o remate, esculpado com quatro peças ovalóides, em taça, estriadas, salientes relativamente ao prumo das quatro colunas do fuste, e que intercalam com quatro máscaras em relevo (peça de remate do pelourinho manuelina). Ao centro há uma peça tronco-piramidal de faces côncavas encimada por rebordo quadrangular onde assenta uma esfera.

Pelourinho de Paredes da Beira



Paredes da Beira



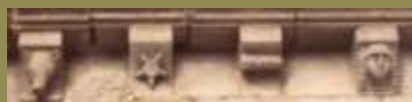
Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 53" N
7° 28' 35" W



Acesso livre
Todo o ano



Elevada a sede paroquial no século XIII, a Igreja de Santa Marinha de Trevões é um edifício eclético derivado de uma campanha de obras seiscentista que soube integrar harmoniosamente os elementos medievais do século XIII (destacando-se a cachorrada exterior sob a capela-mor com diversos motivos). Igreja de raiz românico-gótica de uma só nave, com capela-mor mais baixa e estreita. O templo desenvolve-se em planimetria rectangular, apresentando junto à fachada, do lado direito, uma grande torre sineira, edificada já no século XVIII.

Ao centro do frontispício foi rasgado o portal de arco quebrado, cujas arquivoltas assentam sobre capitéis vegetalistas estilizados. O interior é coberto por tecto de madeira de caixotões de talha dourada de estilo nacional, executado na mesma época em que foi executada a maior parte dos retábulos que decoram o templo. Na parede fundeira, atrás do retábulo-mor, foi executado um conjunto de pinturas murais em *trompe l'oeil*, representando um tabernáculo com sacrário e a imagem de Santa Marinha.

Monumento representativo da arquitectura religiosa do período românico, gótico, maneirista e barroco, está classificado como Monumento Nacional (Decreto n.º 7 586. DG n.º 138. de 08-07-1921).

Igreja de Santa Marinha de Trevões



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 4' 55" N
7° 26' 08" W



Interior: marcação
www.trevões.net



A *Pesqueira* terá tido origem num núcleo de pescaria, situado num local próximo do Rio Douro, onde existia pesca abundante. Com a instituição de paróquias, passou a ser S. João “*Sancto Johani de Pescaria*”, recebendo o seu primeiro foral entre 1055 e 1065, concedido por Fernando I, o Magno, que foi sendo posteriormente outorgado, já pelos reis portugueses, até á última confirmação, de D. Manuel I em 1510. Do território que viria a ser Portugal, S. João da Pesqueira é o território que possui a 1ª Carta de Foral atribuída a uma comunidade...

Durante este período, existiram três e depois quatro paróquias que hoje correspondem à freguesia sede do concelho – S. Tiago, S. João, S. Pedro e Santa Maria – as três últimas com a respectiva matriz inserida na estrutura urbana da vila. Actualmente, apenas subsiste a de S. João, com a sua igreja matriz paralela à rua Direita, artéria de ligação entre o núcleo histórico e a antiga Estrada Real.

Monumento de fachada simples do século XIV, possui arco ogival interrompido, rematado por torre sineira de dupla ventana. São de destacar no seu interior quer o retábulo-mor barroco, quer o tecto apainelado do século XVII. No interior, são visíveis diversas lápides funerárias.

Igreja Matriz de S. João



S. João da Pesqueira



Rua de S. João



41° 08' 48" N

7° 24' 19" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



Altar do período do Barroco, constituído por várias peças em madeira revestida a folha de ouro (talha dourada), proveniente de capela existente nas antigas instalações da Casa do Cabo, solar característico da 2ª metade do século XVIII, edificado em S. João da Pesqueira. Para além do altar, subsiste uma cornija, que, no interior desta capela, preenche em formato de U todo o interior da mesma. Possui uma intensa decoração vegetalista.

No centro do altar, subsiste imagem que representa Santo Estevão em posição frontal, com vestes de diácono, segurando na mão esquerda o Evangelho sob o qual se visualizam as pedras representativas do seu martírio. A mão direita encontra-se levantada em relação ao corpo principal, onde originalmente estaria empunhada uma palma. Santo Estevão é o primeiro mártir do cristianismo, sendo considerado santo e celebrado a 26 de Dezembro. Sabe-se que terá nascido na Palestina, e falecido em Jerusalém por volta dos anos 34 a 40 d.c. O culto de Santo Estevão encontra-se associado à festa dos rapazes nas aldeias de Trás-os-Montes, integradas no ciclo de festividades do solstício do inverno, no período que decorre do dia 24 de Dezembro ao dia 6 de Janeiro, e que no passado pagão terão sido dedicadas ao culto do Sol.

Capela da Mata do Cabo



S. João da Pesqueira



Rua General
Ramalho Eanes



41° 08' 47" N
7° 24' 08" W



Acesso livre
Todo o ano



Consubstanciado conjuntamente com o território de S. João da Pesqueira, aquando da atribuição do foral de 1055-1065, o antigo núcleo de Paredes da Beira tem na sua componente espacial, as marcas da sua evolução histórica, expressa em diversos elementos patrimoniais. No centro do actual aglomerado populacional subsiste um elemento patrimonial, que certamente acompanhou todas as evoluções e transformações de Paredes da Beira, a Igreja de S. Bartolomeu.

Situada em adro sobrelevado em relação à praça principal de Paredes da Beira, este espaço religioso apresenta uma fachada lisa, com portal de arco de volta perfeita encimado por um óculo quadrilobado e com sineira de dupla ventana do lado direito. Interiormente destaca-se a qualidade da talha dourada patente na capela-mor. O corpo, de grandes dimensões apresenta quatro altares de talha, e o tecto apresenta caixotões profusamente decorados, com imagens de diversos santos e dos apóstolos. O coro alto está assente em duas colunas de granito com pias de água benta.

No seu espaço interior e exterior, e sobretudo na área de acesso à entrada principal e porta lateral direita, verifica-se a presença de diversas lápides funerárias, nas quais foi impressa uma numeração.

Igreja de S. Bartolomeu, Paredes da Beira



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 54" N
7° 28' 35" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



A antiga Casa da Torre das Pedras e a capela de Nossa Senhora da Assunção constituem, respectivamente, um importante testemunho arquitectónico com cerca de 9 séculos de história, e 250 anos de culto e tradição religiosa por parte dos habitantes da região. Estudos recentes sobre o edifício habitacional permitiram identificar cinco fases construtivas, a primeira das quais remonta ao século XI e a última ao século XIX. Se o edifício, primeiro ligado aos Távoras e depois aos Azevedos, é importante por toda a tradição histórica que encerra, a capela é o espaço arquitectónico que mais se destaca, pelo barroquismo das suas formas, cujo projecto tem vindo a ser atribuído a Nicolau Nasoni. A fachada da capela é aberta pelo portal, rematado por frontão com as armas da família, no tímpano. No interior, ganha importância a capela-mor, com os seus três altares a ocupar a totalidade deste espaço, num trabalho realizado em pedra da região, onde o horror ao vazio, próprio do barroco, está presente. O retábulo-mor, é de talha policromada, e nos dois restantes encontram-se os túmulos dos mártires S. Félix e S. Paulo, cuja presença motivou o culto neste templo, e a instauração de privilégios e indulgências, dependendo a capela ainda hoje directamente do Papa, desde que Benedito XIV, cujo brasão de armas encima o retábulo-mor, enviou entre outras oferendas as 2788 relíquias colocadas nos diversos relicários que a ela pertencem. Classificado como Imóvel de Interesse Municipal (Decreto n.º 129/77, DR. I Série, n.º 226, de 29-09-1977).

Santos Mártires



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 48" N
7° 28' 28" W



Sob consulta prévia
Todo o ano



Enquadrada pelo Solar do Corte Real, a Igreja de S. Bartolomeu de Vilarouco, apresenta fachada lisa com portal de cornija em arco abatido sobrepujado por um janelão de saial com inscrição. A torre sineira está adossada à esquerda do corpo da Igreja.

No interior destacam-se dois retábulos em talha policromada com as imagens de Nossa Senhora e de Cristo. Já o retábulo-mor é em talha dourada que se prolonga pelos caixotões do tecto com composições vegetalistas.

Do lado direito da nave, é de salientar a existência de uma capela com um retábulo em talha com telas representando a Adoração dos Reis Magos e com um presépio da escola de Machado de Castro. O frontal do altar desta capela é revestido a azulejo (séc. XVII) com decoração vegetalista que no centro tem um círculo com a representação da Fuga para o Egipto.

Destaque ainda para a existência de lápides funerárias no seu interior, assim como, no seu exterior, de cemitério com lápides e jazigos funerários.

Igreja de S. Bartolomeu de Vilarouco



Vilarouco



Estrada Nacional
N. 222



41° 05' 57" N
7° 22' 02" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



Símbolo de desenvolvimento económico e do poder nobiliárquico que se desenrolou no Douro durante o século XVIII, a Casa do Cabo é também o reflexo cultural e arquitectónico da mensagem do solar barroco, com afinidades aos programas de Nasoni, que encontraram no Douro, espaço e ambiência para a sua divulgação e expansão.

Por se situar no extremo Este do então aglomerado populacional, foi denominada de Casa do Cabo e assim foi ficando na memória e no quotidiano das populações. Na simbologia da memória colectiva ficou também a sua fisionomia, o seu todo, o espaço, a sua imponência perante o que a circunda; a quantificação do n.º de portas e janelas, 365, tantos como a quantificação dos dias do ano, todas diferentes (de acordo com a decoração de gramática nasoniana), é um desses exemplos.

Paralelo ao espaço do imóvel, subsiste o jardim de estilo francês com a representação do mitológico, onde as 4 Estações do Ano vinham e impulsionam esta característica de representatividade do simbolismo. Um outro elemento paralelo a este todo, espaço habitacional e espaço de diversão, e que caracteriza a sua compreensão, é a existência da mata (a norte); este espaço é encarado como matéria simbólica, e procura o recolhimento e repouso. No átrio interior, dois altos-relevos em mármore do escultor Eduardo Tavares.

Casa do Cabo



S. João da Pesqueira



Avenida Marquês
de Soveral



41° 08' 45" N
7° 24' 08" W



2ª a 6ª Feira (interior)
Todo o ano (exterior)



Inserida no núcleo principal de Ervedosa do Douro, a Casa dos Saavedras (embora seja conhecida por Casa do Cão em virtude da existência de figura zoomórfica no brasão do imóvel) e apesar de estar em estado de degradação, é a característica casa senhorial/da lavoura do Douro, do final do século XVIII, início do século XIX. No rés-do-chão funcionariam os espaços de apoio à agricultura, especialmente à produção vinícola, enquanto o 1º piso é exclusivo para o espaço habitacional. Não apresenta muitos elementos decorativistas no seu todo, como é característica de muitos solares deste território dos inícios da segunda metade do século XVIII, de cariz mais nobiliárquica, apresentando pedra de armas ao centro da empena circular que remata a fachada de pequenas dimensões, e algum decorativismo nas portas do alçado principal.

A sua escala, volumetria e a funcionalidade prática do edifício, com reminiscências a este carácter agrícola do território, constitui um exemplar característico do negócio do vinho, que no século XIX, sofreu uma queda abrupta com a invasão da praga da filoxera, dizimando muitas vinhas neste território.

Em espaço periférico, na rua de Santa Catarina, subsistem alguns edifícios de cariz agrícola e habitacional.

Casa dos Saavedras (*do Cão*)



Ervedosa do Douro



Calçada do Ribeiro



41° 09' 55" N

7° 28' 29" W



Visível o exterior
Todo o ano



A arquitectura civil do século XVIII, encontrou no território do Douro, ambiência económica para a sua expansão, divulgação e construção. Beneficiando da cultura da vinha e do vinho, e da criação em 1756 da Região Demarcada do Douro, subsistem ao longo deste território exemplares desta aliança entre território, poder económico e inovação arquitectónica.

Inserido no actual aglomerado populacional do Vilarouco, e na proximidade da Igreja de S. Bartolomeu, o solar do Corte Real apresenta as características de um imóvel senhorial, no qual se destaca desde logo a sua pedra de armas com toda a sua linguagem simbólica.

O solar do Corte Real foi pertença do António Cardoso Corte Real e Serpa, Coronel das Milícias de Trancoso, envolvendo-se na Guerra Civil ao lado dos Miguelistas. É um edifício de dois pisos que, no andar nobre, tem em destaque um balcão sustentado por duas colunas, sobre o qual está a pedra de armas (brasão) com as armas e divisas dos Serpa, Corte Real e Cardoso. O remate desta peça arquitectónica, é executado com coroa de conde. As janelas são na sua totalidade de guilhotina, com molduras de granito e volutas decorativas. Estes imóveis caracterizam-se pela presença de capela privativa no espaço habitacional, e neste caso, subsiste a presença de capela privativa dedicada a Santa Teresa.

Solar do Corte Real (Casa do Adro)



Vilarouco



Estrada Nacional
N. 222



41° 05' 57'' N
7° 21' 59'' W



Acesso livre exterior
Todo o ano



No centro do aglomerado de Várzea de Trevões, e na periferia da Igreja Paroquial, destacam-se também alguns conjuntos de imóveis arquitectónicos que pela sua unidade, pela sua integração na paisagem ou pelo seu valor histórico se julgam de suma importância.

Ao longo do arruamento principal deste aglomerado, encontram-se diversas escalas de elementos patrimoniais, que contemplam a arquitectura civil, religiosa e de cariz vernacular. Um desses elementos patrimoniais do domínio da arquitectura civil, é o solar dos Sousa Azevedo.

Imóvel com volumetria e implantação considerável na conjugação do todo do aglomerado, com o piso nobre marcado por uma varanda de sacada central relativamente ao corpo do edifício. Possui cunhais e molduras em granito, destacando-se o remate da fachada feito por um brasão sobre empena circular.

Solar dos Sousa Azevedo



Várzea de Trevões



Estrada Municipal
N. 504-3



41° 05' 56" N
7° 27' 32" W



Visível o exterior
Todo o ano



O núcleo antigo de Nagoselo do Douro dispersa-se em torno do edifício da Igreja de Santa Maria Madalena, onde podemos encontrar edifícios habitacionais típicos do Douro, de médios lavradores que tinham na economia do vinho a sua sustentabilidade económica. Para além de espaço habitacional, muitas vezes o piso térreo serve de apoio à actividade agrícola. Um desses exemplos é o actual edifício da Junta de Freguesia, edifício de antigo proprietário agrícola, e que no piso térreo funcionou um lagar de azeite. O uso do xisto nestes edifícios, é complementado pelos granitos em diversos elementos decorativos, sinal de alguma sustentabilidade económica dos seus proprietários.

Localizada nesse núcleo antigo de Nagoselo do Douro, a Casa dos Soverais encontra-se num pequeno pátio que deriva para arruamento conducente ao adro da Igreja de Santa Maria Madalena e outras habitações de cariz aristocrático.

Esta casa é cronologicamente atribuída ao século XVIII. Com dois pisos e varanda alpendrada, possui volutas nas guardas e janelas de saial decorado. O edifício chegou a ser utilizado como escola no século XX, sendo hoje casa de habitação.

Casa dos Soverais



Nagoselo do Douro



Estrada Municipal
N. 501 e N. 1063



41° 11' 08" N
7° 24' 53" W



Visível o exterior
Todo o ano



O solar da família Caiado Ferrão, classificado como Imóvel de Interesse Público, é um dos edifícios mais imponentes de Trevões, destacando-se pela sua longa fachada, aberta por uma série de vãos, que termina na frontaria da capela, bastante mais elevada e profusamente decorada. As mais antigas referências que se conhecem relativamente a este imóvel, remontam a 1674.

A reedificação setecentista, responsável pelo corpo seguinte e pela capela, datam da década de 1760, devendo-se a iniciativa desta campanha de obras a Francisco Xavier de Almeida Caiado Melo e Vasconcelos. O ano de 1768, inscrito na portaria da capela de Nossa Senhora da Conceição (*TOTA PVL / CRA ESTA MARJA*), e o de 1771 (*Francisco Xavier d'Almeida caiado de Melo e Vasconcelos mandou fazer esta obra. Anno de 1771*), permitem balizar mais precisamente o período desta intervenção.

No interior da capela, observam-se pinturas executadas por Pasquale Parente no retábulo, tecto da nave, e nos frescos das paredes, onde o decorativismo rococó, utilizado nesta obra, denota a época avançada do século XVIII em que foi executada, testemunhando, ainda o nível artístico na pintura portuguesa provincial da segunda metade do século XVIII.

Solar dos Caiado Ferrão



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 53" N
7° 26' 03" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



O núcleo antigo de Trevões prima pela existência de diversas construções solarengas que abarcam o período cronológico do século XVI, ao século XIX. Implantadas em redor da mais antiga construção desse núcleo que chegou até nós, a Igreja de Santa Marinha, estes edifícios demonstram a afinidade económica e social da aristocracia neste território, onde para além de inúmeras propriedades, estas famílias, erigiram diverso património construído, deixando bem visível a sua marca, a sua posse, expressa na sua pedra de armas (brasão). E nessa pedra de armas, expressam os seus vínculos familiares, as suas origens, numa paleta decorativa que pretende reforçar todo o seu carácter institucional e aristocrático.

Localizado no adro da Igreja de Santa Marinha, o solar dos Pintos (designação pela qual é conhecido) foi objecto de diversas intervenções que a alteraram substancialmente.

Dos poucos traços que conserva, são de destacar as janelas em arco canopial ao gosto manuelino, que parecem reproduzir um gosto anterior. Nas traseiras existe um pátio com diversas construções de apoio à agricultura. Foi pertença dos Sarmentos, Viscondes de Moimenta da Beira.

Solar dos Pintos



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 55" N
7° 26' 07" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



Também conhecida por Casa do Adro, este imóvel situa-se junto da Igreja Matriz de Santa Marinha e do Paço Episcopal de Trevões. Este edifício foi mandado erigir em 1605 por Baltasar de Almeida Camelo, o que só deve ter acontecido entre os séculos XVIII e XIX.

Apesar da envolvente rural e agrícola (vinha, olival) e de possuir diversas antigas estruturas de apoio e complemento à agricultura, nomeadamente, eira, pombal, esta casa apresenta características marcadamente habitacionais.

A fachada principal é rasgada por oito janelas, sendo as do piso nobre de sacada com gradeamento em ferro forjado e as do piso térreo de guilhotina gradeadas em peito de rola. As duas volutas centrais sustentam o brasão com as armas dos Almeida, Coutinho e Camelo.

Destaque ainda para balcão que se situa no alçado oeste do imóvel, de onde deriva caminho carreteiro ao longo da propriedade.

Solar dos Almeida Coutinho



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 55'' N
7° 26' 09'' W



Acesso livre exterior
Todo o ano



A riqueza decorativa e arquitectónica que marca o urbanismo deste aglomerado, é tradutora de uma época de grande desenvolvimento económico, ligada à produção de vinho do Porto entre meados do século XVII e finais do século XVIII, que incentivou a fixação de famílias nobres na região e a consequente construção de edifícios que personificavam a nobreza das linhagens, a riqueza das famílias locais e dos grupos sociais mais distintos da urbe.

Situado entre a Rua dos Gatos e a Rua da Restauração, este edifício do século XVII, de planta longitudinal, é constituído por três corpos, o primeiro dos quais com janelas gradeadas, ritmado por pilastras. No corpo central destaca-se uma varanda alpendrada com colunas de granito.

O último corpo do edifício apresenta o brasão da família, sob empena circular com concheados, flanqueado por varandins de ferro.

Em área contígua, subsiste o lagar de azeite de vara e fuso, característico neste território, antes da introdução dos sistemas mecânicos de obtenção do azeite.

Solar do Dr. Caiado Ferrão



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 54" N
-7° 26' 04" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



No prolongamento do adro da Igreja de Santa Marinha, subsistem dois imóveis que fortalecem esta ligação aristocrática de Trevões com o território Douro, e a economia da vinha e do vinho. Inseridos no núcleo primitivo de Trevões, e nas proximidades da Capela de Santa Bárbara, ambos representam este vínculo social para com o aglomerado, nas suas escalas, gostos, decoração e implantação física.

A Casa dos Seixas apresenta um átrio empedrado, espaço de lazer, ladeado por duas colunatas onde subsiste decoração (brasão), e onde se desenvolve o corpo principal do imóvel. Presença de decorativismo gramático ao longo do seu alçado principal, destacando-se desde logo as janelas e portas de verga em arco abatido, com semelhanças ao antigo edifício da Casa da Câmara de S. João da Pesqueira.

Em frente à Casa dos Seixas, situa-se a Casa Irene Fernandes (designação pela qual é conhecido este imóvel). Destaque para o seu alçado principal, com frontaria cénica (sem brasão ou perda de armas) onde sobressai varanda e colunata. Na entrada principal existe um pequeno átrio com diversas espécies arbóreas.

Casa dos Seixas e Casa Irene Fernandes



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 54'' N
7° 26' 09'' W

41° 04' 54'' N
7° 26' 10'' W



Visível o exterior
Todo o ano



O Paço Episcopal de Trevões foi edificado a partir de 1777 por iniciativa do bispo de Lamego D. Manuel Vasconcelos Pereira, ao que tudo indica sobre um anterior edifício vinculado ao bispado, ao qual os prelados se deslocavam sazonalmente para proceder a actos jurídicos e administrativos da diocese.

É um carácterístico solar neoclássico que integra ainda elementos rococó ao nível da decoração de vãos. A disposição das portas e janelas adapta-se a uma concepção tripartida hierarquizada, ocupando a entrada principal o eixo axial, sendo ladeada por duas janelas. Esta solução repete-se no piso superior, onde dois amplos janelões enquadram uma espécie de nicho preenchido com o brasão dos Pereiras e Vasconcelos, acompanhado pelas borlas episcopais.

Juntamente com o edifício, havia uma extensa propriedade de carácter rural, com assinalável produção de vinho, horta e pomar. O conjunto tem ainda a particularidade de integrar, junto ao cunhal poente da fachada lateral Sul, um curioso óculo circular, que a tradição associou aos bispos lamecenses, só se deslocando estes à igreja, para rezar missa, depois de, por esse óculo, se certificarem da afluência de paroquianos. Está classificado como Imóvel de Interesse Público.

Paço Episcopal de Trevões



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 55" N
7° 26' 07" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



O edifício da antiga Casa da Câmara de Soutelo do Douro, remete-nos para a existência de um território que foi considerado concelho, e que durante as reformas institucionais dos concelhos na época do Liberalismo, passou para o actual concelho de S. João da Pesqueira. Na praça onde se encontra este imóvel, subsiste o pelourinho local... e as reminiscências a um passado de autonomia.

A Casa da Câmara foi mandada edificar por D. Maria I (tal como a Casa da Câmara de S. João da Pesqueira, existente na Praça da República), possuindo a sala das audiências no 1º piso e a cadeia no piso térreo. É de destacar a varanda de sacada rematada pelo brasão de D. Maria I, situado no centro do frontão triangular. Do lado esquerdo do edifício existe ainda uma sineta usada para anunciar as assembleias. Símbolo do municipalismo e do poder local, este é um, dos dois exemplares de Casas de Câmara, existentes no actual território de S. João da Pesqueira, e que, em ambos os casos foram mandados construir pela rainha D. Maria I.

Casa da Câmara de Soutelo do Douro



Soutelo do Douro



Estrada Municipal
N. 501



41° 11' 13" N
7° 25' 60" W



Acesso livre exterior
Todo o ano



Para além de edifícios de arquitectura civil a simbolizar o poder local, no núcleo antigo de Soutelo do Douro, encontram-se imóveis que nos transportam para outros gostos, estilos e épocas.

A Casa da Fonte, situa-se na Praça 25 de Abril, estando direccionada para o pelourinho, e para a praça nobre do aglomerado populacional, onde subsistem os mais significativos exemplares patrimoniais. Constitui um exemplar de arquitectura civil privada da segunda metade do século XIX (1857). Com revestimento exterior a azulejo, é um edifício de 3 pisos, sendo que no terceiro – recuado – existe uma varanda de sacada em ferro forjado.

A Casa dos Sobrais (ou Casa de João Sobral) insere-se no núcleo do antigo aglomerado de Soutelo do Douro. Casa solarenga de grandes dimensões, com dois pisos, cujas fachadas são rasgadas por diversos vãos, sendo de destacar as varandas de sacada, as janelas de verga em arco abatido e os óculos. Foi pertença da família Seixas e Morais Frias. Faz ainda parte deste conjunto a capela do mártir S. Sebastião.

Casa da Fonte e Casa dos Sobrais



Soutelo do Douro



Estrada Municipal
N. 501



41° 11' 13" N

7° 25' 58" W

41° 11' 18" N

7° 26' 06" W



Visível o exterior
Todo o ano



Uma outra tipologia arquitectónica existente neste território, é a denominada *arquitectura de estilo brasileiro*.

A *Casa do Brasileiro*, localiza-se junto à E.N. 222, em Ervedosa do Douro. Esta casa possui uma linguagem *arquitectónica brasileira*, com uma arquitectura imbuída de materiais e técnicas de construção muito utilizadas durante as primeiras décadas do século XX.

O *Antigo Hotel*, localiza-se na Avenida Marquês de Soveral, em S. João da Pesqueira. É um conjunto edificado de tronco comum, com diversos compartimentos e nichos, destacando-se desde logo a galilé muito decorada existente no alçado principal. Possui uma morfologia arquitectónica muito decorativista (cornijas, janelas e portas), com a utilização e implantação da lousa em espinha como forma de revestir o exterior do imóvel. Possui espaço ajardinado e cultivado que circunda o imóvel, em que é utilizado o granito e o ferro. Casa de habitação característica da *arquitectura brasileira* do século XX (1920-1930). Implantado em zona de declive, neste espaço habitacional funcionou serviço de hotelaria, pelo que esta função ficou associada na memória da população local, que ainda hoje denomina este imóvel de Hotel.

Casa do Brasileiro e Antigo Hotel



Ervedosa do Douro
S. João da Pesqueira



Rua da Praça
Avenida Marquês
de Soveral



41° 09' 55" N
7° 28' 32" W

41° 08' 51" N
7° 24' 29" W



Visível o exterior
Todo o ano



Localizado na Avenida Marquês de Soveral, o actual edifício da Câmara Municipal, terá sido construído em de finais do século XIX, por um particular, e que após algumas vicissitudes, foi em final da década de 80 objecto de remodelação.

Espaço representativo do poder local, do território com o foral mais antigo atribuído ao que viria ser o espaço geográfico português, apresenta na sua cenografia exterior alguns elementos decorativistas, assim como o brasão identificativo do concelho de S. João da Pesqueira.

No átrio interior, é possível visualizar os azulejos da autoria da fábrica Aleluia, em Aveiro representativos das fases da vinha e do vinho, como a poda, sulfatagem, transporte das uvas, transporte do vinho, prensagem, medição do vinho, espaços e actividades do ciclo vitivinícola, como o armazém de vinhos e o lagar, lugares simbólicos do território de S. João da Pesqueira, como o Cachão da Valeira, a Ferradosa, ou paisagens representativas do reino da vinha, como seja a paisagem em socacos ou um panorama do rio Torto, figuras e elementos relacionados com o vinho e o seu transporte, como sejam a vindimadeira e o barco rabelo, ou a representação de outras actividades económicas, como sejam a caça e a pesca.

Edifício dos Paços do Concelho



S. João da Pesqueira



Avenida Marquês
de Soveral



41° 08' 49'' N
7° 24' 22'' W



2ª a 6ª Feira (interior)
Todo o ano (exterior)



Passando o aglomerado de Riodades, e descendo em direcção ao rio Távora (afluente do rio Douro) aparece uma ponte em granito, com tabuleiro murado e sob o qual assenta arco de volta perfeita. Elemento arquitectónico de ligação com o actual território de Tabuaço, subsistem na sua periferia ruínas de antigas unidades moageiras, principalmente na foz da Ribeira de Tabarela, linha de água afluente do rio Távora. Ainda nesta linha de água, a Ribeira da Tabarela, encontram-se vestígios de uma antiga travessia em direcção a Vale de Penela. Existem referências a estas travessias do rio Távora, a este local, mencionando a construção de uma ponte de ligação com a outra margem, como na descrição das Memórias Paroquiais de Riodades (1758), onde é descrito que o rio Távora possuía cinco pontes desde a nascente à foz, sendo que “a quarta junto deste lugar, que de presente se anda fabricando”.

Ponte no rio Távora



Riodades



Caminho Municipal
N. 1119



41° 01' 24" N
7° 30' 40" W



Acesso livre
Todo o ano



O Palácio de Cidrô encontra-se no extremo este de S. João da Pesqueira, paralelo ao acesso para o lugar da Ferradosa e de S. Salvador do Mundo. Implantado na quinta de Cidrô, e rodeado por uma extensa área de vinha para produção vinícola, este imóvel de final do século XIX apresenta um enquadramento perfeitamente rural e agrícola. Para além da área de vinha que o rodeia, possui junto ao seu alçado localizado a este, um jardim.

Com uma provável recreação cénica do período do romantismo português, e o regresso ao passado medieval expresso no seu alçado principal, o Palácio de Cidrô, está estruturado em torno de um pátio interior, onde se destaca o pórtico ameado que lhe dá acesso. A frontaria tem pilastras de granito e as varandas são em ferro forjado. Acima da porta está a pedra de armas dos Soverais.

Este imóvel tem uma íntima relação com esta família, destacando-se desde logo a figura do Marquês de Soveral, diplomata português em Londres no período final da monarquia portuguesa, e que nasceu neste imóvel.

Palácio de Cidrô



S. João da Pesqueira



Estrada Nacional
N. 222-3



41° 08' 44" N
7° 23' 14" W



Visível o exterior
Todo o ano



Com uma história que demonstra a sua importância ao longo dos tempos, Trevões foi couro episcopal com jurisdição renovada por vários monarcas, durante vários séculos de disputa entre a Sé de Lamego e a Coroa. Ao sabor das diferentes divisões administrativas, Trevões foi parte integrante de diversas comarcas ao longo dos tempos, como Pinhel, Trancoso, Lamego, S. João da Pesqueira ou Tabuaço. O concelho de Trevões viria a ser extinto a 24 de Outubro de 1855.

Tendo como ponto de referência a actual praça (espaço que possuía Pelourinho e Casa de Câmara) onde se realizaram recentemente obras de requalificação, no âmbito do Projecto das Aldeias Vinhateiras, e tomando a direcção Norte, é possível encontrarmos em artérias, como a rua da Restauração, rua dos Gatos, rua da Albergaria, um conjunto de imóveis de diferentes escalas, usos e materiais, e várias datas inscritas nos alçados dos imóveis. Destaque ainda para o arruamento da rua dos Gatos com o seu lajeado em granito.

A sul da atual praça, e subindo a rua de S. Domingos e a rua do Moreiral, observam-se edifícios habitacionais, vernaculares e de cariz assistencial e religioso.

Trevões



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 04' 53" N
7° 26' 04" W



Acesso livre
Todo o ano



Existem conjuntos de imóveis arquitectónicos que pela sua unidade, pela sua integração na paisagem ou pelo seu valor histórico, assumem um papel identificador do território em que se inserem. Inserido em pleno espaço agrícola, e na margem esquerda do rio Torto, o aglomerado de Várzea de Trevões, possui um conjunto de bens patrimoniais com diversas tipologias que definem a sua estrutura original.

Tendo como ponto de referência o início do aglomerado, o cimo da rua dos Palhais, a rua Cimo do Povo e descendo por essas artérias em direcção à rua Direita (das quais derivam a rua Chão da Azenha, o largo do Casarão, a travessa Cimo do Povo, o largo da Igreja e o largo do Cruzeiro) encontramos um conjunto de imóveis que caracterizam este aglomerado, desde pequenas estruturas para arrumos, os palheiros, o casario habitacional de diferentes volumetrias, que conjugam a utilização de diversos materiais, a uma função habitacional e social.

Detentor de bons exemplos da arquitetura tradicional, vernacular e civil, o núcleo de Várzea de Trevões, ainda apresenta alguma coerência original no seu traçado e edificado, associado a percursos, gostos, mudanças sociais que o definem como espaço das vivências da História Local.

Várzea de Trevões



Várzea de Trevões



Estrada Municipal
N. 504-3



41° 5' 55'' N
7° 27' 32'' W



Acesso livre
Todo o ano



Situada na margem esquerda do rio Douro, a Ferradosa foi em tempos uma estação de caminho-de-ferro da linha do Douro e, simultaneamente, um importante porto fluvial, servindo para o abastecimento e escoamento de mercadorias, produtos agrícolas, onde se inclui o vinho.

Construída em finais do século XIX, a estação ferroviária da Ferradosa, foi durante anos local de passagem de mercadorias e pessoas para o Porto e Barca D'Alva.

Mas para além de espaço de circulação de bens e pessoas, foi também local de embarque do vinho do Porto que aqui é produzido, e posteriormente transportado ao longo do rio Douro, através do barco rabelo para Vila Nova de Gaia – a última viagem aconteceu em 1962.

Espaço de memórias e de constante ritualidade com o seu passado, que por vezes se transforma para adquirir novas funções sociais e culturais, o complexo turístico, aqui existente, pretende ritualizar a proximidade destas comunidades com o rio Douro, não só através da conversão do armazém de mercadorias da estação da Ferradosa em restaurante, como também com a criação de actividades lúdicas: remo, vela, passeios de barco.

Ferradosa



Vale de Figueira



Estrada Nacional
N. 222-3



41° 8' 33" N
7° 20' 33" W



Acesso livre
Todo o ano



Povoado sobranceiro ao rio Douro que mantém as suas características tradicionais, o que é visível nas construções em xisto e madeira. As habitações, na sua generalidade térreas, são geralmente voltadas à rua e apresentam pequenos cortelhos destinados aos animais ou à reserva de aprestos agrícolas.

As casas sobradadas têm varanda com balaustradas de madeira e lojas no piso térreo. Existe uma pequena capela dedicada a S. Xisto no centro do povoado

A localização deste espaço, a sua ambiência natural e a amplitude visual para o rio Douro, sobressai como uma referência para a identidade deste território, a sua ligação com o quotidiano agrícola, do qual sobressai a produção de vinho, sendo também presencial a amêndoa, azeite, figo e mel.

Território da Região Demarcada do Douro, sub-região vitícola do Douro Superior, onde as características climáticas são diferentes do restante território, mais seco e quente, onde a sua integração com a paisagem natural que rodeia este aglomerado, também contribuiu para a sua inclusão no território do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial.

S. Xisto



Vale de Figueira



Estrada Nacional
N. 222-3



41° 8' 28" N
7° 20' 1" W



Acesso livre
Todo o ano



O conjunto arquitectónico da Praça da República (Séculos XIV, XVI, XVIII e XXI), desenvolve-se segundo um eixo Este/Oeste, no qual existem diversos imóveis com interesse que fazem parte deste conjunto designadamente: o Solar dos Távoras (antigo Hospital da Misericórdia), a Capela da Misericórdia, o arco quebrado da muralha Sul do castelo medieval, a galeria com arcada de 9 arcos que culmina, a Este, na Torre do Relógio. A Sul, o edifício da antiga Cadeia e Paços do Concelho. Este conjunto está classificado como Conjunto de Interesse Público (Anúncio n.º 13654/2012 de 5 de Novembro).

Destaque ainda para a rua dos Gatos, que tinha ligação com a Praça da República, junto à Torre do Relógio. De perfil estreito e orgânico, com casas de traça popular em xisto, está ligada à existência de uma antiga judiaria em S. João da Pesqueira.

No prolongamento Sul da Praça da República, existe a rua Direita (ou *directa*) directa, da principal estrada que servia o aglomerado, onde persiste a Igreja de S. João e existiu a Igreja de S. Tiago, ao núcleo/aglomerado populacional, constitui um dos eixos mais antigos do aglomerado. Nela estão implantadas algumas casas nobres do aglomerado, como o Solar dos Pintos ou a Casa dos Veloso.

Praça da República (rua dos Gatos e rua Direita)



S. João da Pesqueira



Praça da República



41° 8' 51" N

7° 24' 15" W



Acesso livre

Todo o ano



O aglomerado de Paredes da Beira está situado na margem direita do rio Távora, já em região beirã, a sudoeste de S. João da Pesqueira. As casas mais antigas (em pedra à vista, baixas, encostadas umas às outras e com vãos muito pequenos) evidenciam ainda o aproveitamento dos materiais locais, designadamente do granito, retirado do maciço sobre o qual a povoação original está assente.

A dimensão considerável do núcleo antigo, associada à existência de um património arqueológico e arquitectónicos de valor patrimonial, evidenciam a importância de Paredes da Beira no passado deste território, fazendo parte, tal como S. João da Pesqueira, da atribuição na Idade Média, do 1º foral no actual território português (1055-1065).

O sustentáculo de desenvolvimento a partir do núcleo histórico terá sido o eixo Rua do Santo/Rua da Corredoura/Adro da Igreja/Rua da Portela, de que se destaca a actual Praça, centro do aglomerado e onde existem nas artérias que dali derivam, algumas habitações nobres dos séculos XVIII e XIX. A orografia deste local, possibilitou o aparecimento de referências toponímicas nos limites do actual aglomerado, como o Castelo, a Grade, as Tintureiras, a Portela, Curtinha, Vale da Vila, Moitas....

Paredes da Beira



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 57" N
7° 28' 22" W



Acesso livre
Todo o ano



Localizado a Este de S. João da Pesqueira, o aglomerado de Pereiros localiza-se na margem direita do rio Torto (afluente do rio Douro), onde ainda são visíveis troços de caminhos antigos, moinhos e ruínas da antiga ponte de ligação a Sul. O aglomerado possui uma frente edificada situada entre campos agrícolas, que mantém as suas características construtivas e arquitectónicas bem conservadas. Ao percorrer o pequeno aglomerado, facilmente se encontra o típico casario de rés-do-chão e 1º piso, construções de apoio agrícola e pequenos cortelhos, sendo que a matéria-prima utilizada é o xisto, existindo pormenores arquitectónicos em que se utiliza o granito.

Para além destas características arquitectónicas, o pequeno aglomerado populacional, possui um conjunto de capelas, nomeadamente a capela da Senhora da Cabeça, capela de Santo António e a capela de Santa Eufémia. Em pleno espaço agrícola, e na periferia do rio Torto, a capela de Santa Luzia.

No centro do aglomerado populacional, a Igreja de S. Salvador dos séculos XVII/XVIII, remete-nos para a proximidade e origens do aglomerado, no lugar de Covas, e para o local da Agorrêta e a sua antiga estalagem, por onde passavam mercadores e almocreves.

Pereiros



Pereiros



Estrada Nacional
N. 222



41° 3' 49" N
7° 21' 20" W



Acesso livre
Todo o ano



O Museu Eduardo Tavares está localizado em pleno núcleo histórico de S. João da Pesqueira, no espaço arquitectónico, social e cultural da Praça da República, no antigo edifício da Casa de Câmara, de 1794. O projecto museológico deste espaço contempla as áreas da arte contemporânea (escultura) e da arqueologia.

A exposição permanente de escultura, mostra o espólio artístico da autoria do escultor Eduardo Tavares, sendo constituído por esboços, maquetas, bustos, cabeças, estátuas (em tamanho natural) modelos anatómicos e ensaios, em gesso, barro e bronze, assim como desenhos a carvão. Contempla ainda obras que se encontram em espaços públicos, obras de personalidades e individualidades do mundo cultural e temas da antiguidade clássica e do renascimento.

O acervo arqueológico em exposição neste espaço museológico, pretende transmitir a evolução do território de S. João da Pesqueira na óptica da História e da Arqueologia. Proveniente de diversos locais deste território, este espólio está datado do final do IV milénio a.c. ao século XIX, sendo constituído por cerâmicas, elementos arquitetónicos, objetos de adorno e de religiosidade, numismática e epigrafia.

Museu Eduardo Tavares



S. João da Pesqueira



Praça da República



41° 8' 51" N
7° 24' 15" W



3ª a 6ª feira
Tardes de Sábado
e Domingo



Com o objetivo de guardar a memória desta povoação, transmitindo aos seus habitantes a continuidade e diversidade local, mostrando-lhes as suas raízes e tradições, a Associação Sócio Cultural de Trevões organizou uma estrutura museológica, onde se recriam espaços ligados à vida da freguesia.

Albergando o mais variado tipo de peças, a exposição permanente visa dar a conhecer os costumes e modos de vida passados, tentando desta forma criar um elo entre as diferentes gerações. Ao longo da exposição, são recriados diversos ambientes sociais pelos diversos núcleos expositivos, abordando a temática da etnografia.

Inaugurado a 15 de Setembro de 2001, o Museu de Trevões guarda as memórias e relíquias da vida dos seus antepassados. Uma viagem no tempo que dá a conhecer a cultura, os modos de vida, as tradições e a história desta comunidade.

Antiga casa do ferreiro, este edifício situa-se no Largo do Adro, espaço nobre do aglomerado urbano, onde se localiza a Igreja de Santa Marinha, o edifício do antigo Paço Episcopal e outros edifícios do século XVIII, assim como o Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura.

Museu de Trevões



Trevões



Estrada Municipal
N. 504



41° 4' 54" N
7° 26' 7" W



3ª Feira a Domingo
12h30 às 19h30



O Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura, pretende ser um espaço central de preservação e divulgação do património cultural centrado na Arte Sacra. Pretende-se também, criar outros espaços ligados à dinamização, ao desenvolvimento e promoção cultural da população local, nomeadamente, um espaço multifuncional para colóquios/conferências ou pequenas representações e uma área multimédia.

A área expositiva possui uma variedade de objetos destinados à liturgia e ao culto católico que abarcam um período entre os finais da Idade Média e a Idade Contemporânea. Estão também em exposição diversos artefactos arqueológicos do período romano, com destaque para uma *cupa* (tampa de sepultura) e da Idade Média, destacando-se, entre outros, um sarcófago medieval.

Através da arte religiosa, Trevões proporá a visitantes e locais uma incursão sobre Património e História, e a importância de tais valores inegavelmente destinados ao desenvolvimento regional, através do turismo e da educação.

Este espaço resulta ser uma mais-valia local e regional como equipamento de cultura que se pretende na promoção do território de excelência que é, afinal, o Douro.

Museu de Arte Sacra de Trevões



Trevões



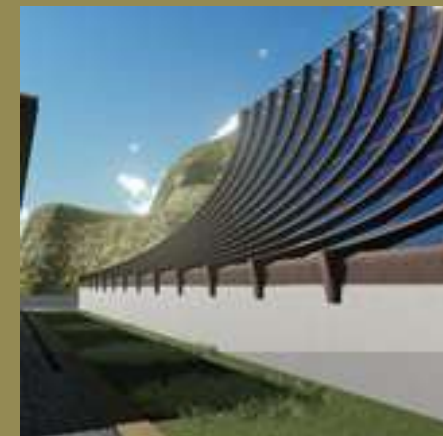
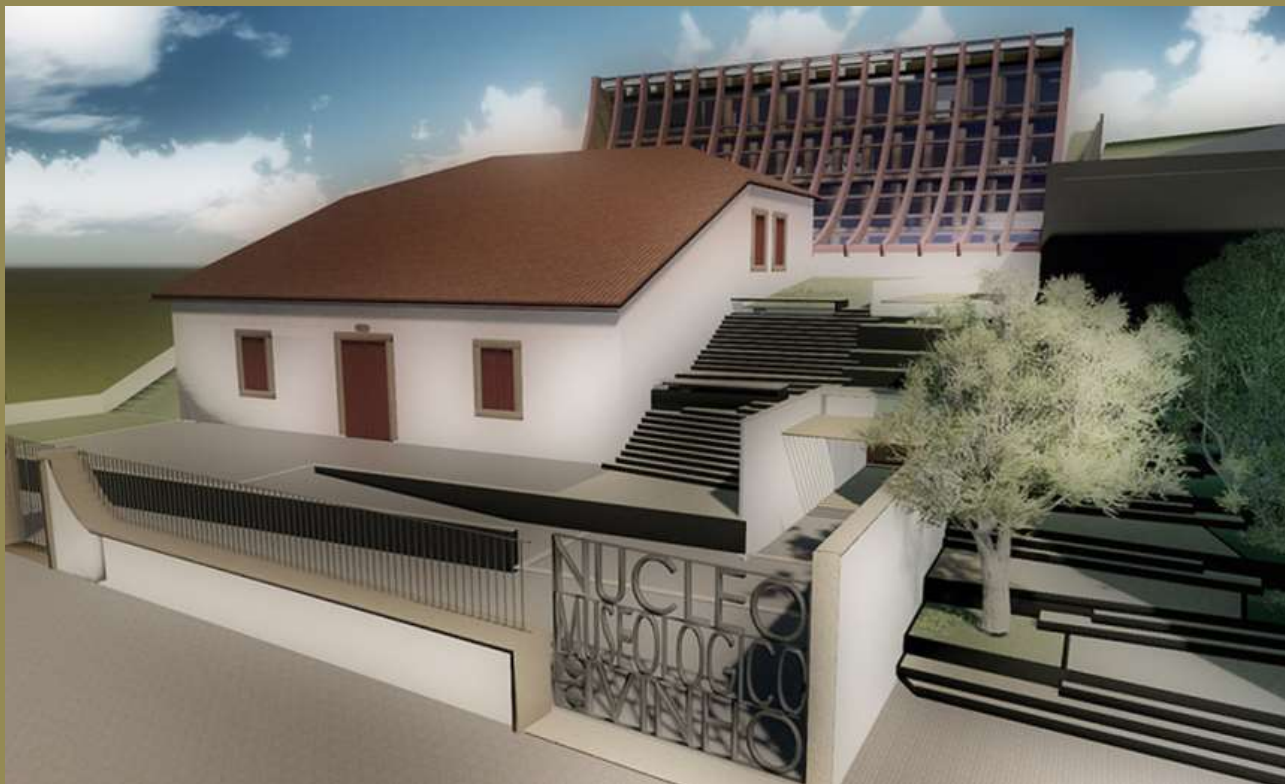
Estrada Municipal
N. 504



41° 4' 54" N
7° 26' 8" W



3ª Feira a Domingo
12h30 às 19h30



O projecto compreende a construção do “Núcleo Museológico do Vinho”, em S. João da Pesqueira, cuja temática se focalizará no vinho e na vinha, dando assim ênfase ao produto e atividade mais importante da região. Além de uma exposição permanente, o projecto pretende contemplar uma sala de provas, uma loja de vinhos e outros espaços expositivos e culturais, dando cumprimento ao desígnio do “museu de território”, sendo por esse motivo um nó da rede que está a ser tecida pelo Museu do Douro em ordem a estabelecer um maior número de locais e centros de interesses específicos.

Neste sentido, o projecto aspira, criar um espaço museológico que permita: identificar, preservar e potenciar o património histórico-cultural da região no Mundo; aumentar a dimensão dos mercados internacionais e nacionais e os níveis de notoriedade da Região do Douro; promover o património cultural material e imaterial da região; contribuir para a fixação temporal de visitantes e combater a sazonalidade na Região do Douro; promover, incentivar e potenciar a animação turística do Douro através de um calendário de eventos da Região do Douro, e afirmar, consolidar e desenvolver a imagem turística da região do Douro através de produtos turísticos prioritários como o Enoturismo.

Museu do Vinho



S. João da Pesqueira



Avenida Marquês
de Soveral



41° 08' 51" N
7° 24' 30" W



Consultar em
sjpesqueira.pt



A Azenha do Fundo, denominação pela qual é conhecido este espaço, laborou até “à cerca de quarenta anos atrás”. Na Espinhosa, existiam três lagares de azeite: o de Cima, o do Meio e o do Fundo. A grande maioria da tipologia de lagar de azeite existente neste território até inícios do século XX, era o lagar de vara e fuso, cuja força motriz era impulsionada pela tracção animal.

O espaço físico da Azenha do Fundo, compreendia na mesma sala, o espaço da moagem (moinho), o poço, a tulha da proprietária (em xisto), a fornalha e a caldeira, a prensa manual e as talhas em granito embutidas onde era extraído o azeite.

O projecto de recuperação da Azenha do Fundo, procurou preservar *in situ* toda a memória do espaço e dos vários elementos móveis e imóveis que a identificam. Adquirida pela Junta de Freguesia local, a Azenha do Fundo, procura resgatar no seu espaço físico toda uma memória de quotidianos locais e territoriais, pretende transmitir e incentivar a redescoberta do manancial da cultura do azeite, estimula a divulgação patrimonial do território assumindo-se como uma oferta visitável e pretende ser um veículo transmissor do legado destas comunidades, a sua relação com a natureza, com o mundo agrícola.

Museu do Azeite



Espinhosa



Estrada Municipal
N. 504



41° 05' 15" N
7° 28' 53" W



Sob consulta
Todo o ano



Milhares de fragmentos em xisto, agrupados e em uníssono, moldam e caracterizam esta paisagem vinhateira. Ao longo de vários anos foram construídos manualmente os diversos sistemas de socalcos que se podem visualizar ao longo deste vale.

Inicialmente era realizado o arroteamento para o plantio das vinhas, assistindo-se posteriormente à emergência de grupos de socalcos com 2, e 8 a 10 bardos de vinha. O xisto predomina por todas as construções da paisagem, onde se por um lado é um elemento de construção, é também, nesta tipologia de solo, que se implantam e crescem as videiras.

Socalcos, caminhos, escadarias, construções habitacionais... a construção vernacular encontra neste território elementos descritivos da essência Douro.

Complementa-se esta paisagem no efeito visual das bordaduras, especialmente com a introdução de oliveiras, assistindo-se no fundo deste vale, ao correr de um dos afluentes do rio Douro, o rio Torto.

Parte integrante da área classificada do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial, neste território do vinho, encontra-se a pequena e média propriedade, que em conjunto constroem esta paisagem.

Vale do rio Torto



Sarzedinho
Casais do Douro



Estrada Nacional
N. 222



41° 09' 51" N
7° 31' 45" W

41° 10' 08" N
7° 32' 43" W



Todo o ano



Tendo o rio Douro como cenário visual, as referências a este local surgem-nos na Idade Média, e ao aforamento destas terras ao Convento de S. Pedro das Águias. A cultura da vinha e do vinho já era uma prática referenciável, e de cultivo neste território.

Ao longo desta vasta amplitude visual, observam-se desde logo vários sistemas de implantação da vinha, desde os socalcos de 1 a 2 bardos (pré-filoxéricos), aos socalcos de 8 a 10 bardos de vinha (pós-filoxéricos), aos sistemas modernos de mecanização com a introdução de maquinaria em diversos trabalhos agrícolas. Para além da construção destes novos sistemas de vinha que seguem a orientação das curvas de nível do solo, também existe a introdução de sistemas em que a vinha é implantada “ao alto”.

A emergência da cultura da vinha e do vinho, permite o aparecimento de diversas quintas, onde para além de serem espaços habitacionais, congregam ao longo do seu espaço construtivo, diversas construções de apoio agrícola, nomeadamente à vitivinicultura, como seja a adega e os lagares, o armazém, existindo casos, em que subsistem outras construções de apoio, como seja o forno de cozer pão, o colmeal, o pombal, o moinho... assim como a existência de capela dedicada ao culto religioso.

Ventozelo



Ervedosa do Douro



Estrada Nacional
N. 222



41° 10' 22" N
7° 30' 29" W



Todo o ano



Sobranceiro ao rio Douro, o vale de Roriz caracteriza-se pela existência de diversas quintas produtoras de vinho, implantadas num cenário natural, característico e singular do vale do Douro. As reminiscências à produção de vinho, transportam-nos para a Idade Média, contudo, é com o impulso da criação da Região Demarcada do Douro, em 1756, que se assiste à implantação e construção de quintas, assim como à difusão da vinha.

A panorâmica proporcionada neste local, reverte-nos para a transformação da paisagem, em território do vinho. Ao longo da margem esquerda do rio Douro, subsistem diversas quintas produtoras de vinho, que em vários casos possuem, para além do espaço habitacional, espaços de transformação do vinho.

Em pano de fundo, na outra margem do rio Douro, a linha de caminho-de-ferro... anteriormente, neste local existiam pequenas barcas de passagem que efectuavam a travessia do rio Douro com pessoas e bens, para vários apeadeiros que se localizam junto à linha de caminho-de-ferro. Neste local, existiram estruturas de exploração mineira. A cultura da vinha encontrou neste território, condições favoráveis para a sua implantação, beneficiando de óptimas condições naturais.

Roriz



Ervedosa do Douro



Estrada Nacional
N. 222



41° 11' 15" N
7° 28' 47" W



Todo o ano



O vale de Frei Estevão é um espaço eminentemente de cariz vinícola, onde o novo território do vinho encontra uma expressividade contínua e consistente.

Ao longo deste vale, os ritmos e quotidianos são marcados paulatinamente pelos valores e ciclos da cultura da vinha, expressa no toque de um brinde... Com o rio Douro “a tocar” e a fortalecer esta cenografia, os tons naturais desta paisagem cultural proporcionam diversos momentos sublimes ao longo do ano.

As linhas definidoras deste vale são ténues, curvilíneas... marcam a paisagem, são femininas, e todas muito diferentes.

Frei Estevão



Ervedosa do Douro



Estrada Nacional
N. 222



41° 10' 21" N
7° 29' 25" W



Todo o ano



Saindo do aglomerado populacional de Nagoselo do Douro, o vale de S. Martinho proporciona o contacto com a realidade agrícola, social e económica destas comunidades. São visíveis neste mosaico de paisagens diversas nomenclaturas, modos e apetências deste *modus vivendi*, expresso no pontilhar de alguma arquitectura vernácula, algumas quintas junto ao rio Douro, armazéns, espaços sacralizados, outras culturas como a oliveira, e espaços naturais, expressos no rio Douro e na elevação sagrada e mágica da Senhora de Lurdes.

Existe um eterno e natural contacto com o rio Douro, permitindo, entre outros, a existência de espaços de lazer, onde o desenvolvimento de actividades de lazer, proporciona este relacionamento próximo com o rio Douro.

Espaço de antigas travessias fluviais para a outra margem do rio, permitiu também o contacto com a realidade do caminho-de-ferro, representado na estação de caminho-de-ferro do Tua.

A paisagem uníssona proporciona uma paleta de cores única... verde, amarelo, castanho e azul... estas mudanças e alterações do ciclo das culturas e da natureza podem ser apreendidas neste local.

Nagoselo do Douro



Nagoselo do Douro



Estrada Municipal
N. 501 e N. 1063



41° 11' 29" N
7° 24' 06" W



Todo o ano



A Região Demarcada do Douro possui três sub-regiões de produção de vinho: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior. Este espaço cénico, cultural e natural, enquadra-se no território vinícola do Douro Superior, que tem os seus limites a montante do Cachão da Valeira, até à fronteira com Espanha. Neste território, o clima é mais seco, com baixos níveis de humidade.

A cultura da vinha, em alguns casos foi mais recente, embora a sua implantação neste território tenha mais apetências para a mecanização, surgindo novas propriedades, que anteriormente eram aptas para o cereal e outras culturas, e novas quintas. Contudo, ao longo das margens do rio Douro, a cultura da vinha e o surgimento de várias quintas, foram crescendo e impulsionadas com a demolição do Cachão da Valeira, o que permite, para além da navegabilidade do Douro, uma maior abertura à difusão e comércio da cultura vínica neste território.

A actual albufeira da barragem da Valeira, proporcionou a transformação desta paisagem, começando deste logo pelo regime do caudal do rio Douro. A circulação de comboios da linha de caminho-de-ferro do Douro, deixa a margem direita, através da Ponte da Ferradosa, para retomar o seu curso ao longo da margem esquerda do rio Douro, aparecendo as estações da Ferradosa e de Vargelas.

Vargelas



Vale de Figueira



Estrada Municipal
N. 541



41° 08' 08" N
7° 19' 22" W



Todo o ano



O local do antigo cachão da Valeira, ou cachão de S. Salvador da Pesqueira, era na opinião do Barão de Forrester “o sítio mais romântico do rio Douro”. O tenebroso local, onde era comum ocorrerem naufrágios, foi durante séculos intransponível, sendo que a navegabilidade do rio Douro estava condicionada com este obstáculo natural. Local de transição entre o Cima Corgo e o Douro Superior, este obstáculo foi demolido entre 1780 e 1792. Contudo, ainda continuou a ser um local difícil, onde ocorreram naufrágios de barcos rabelos, entre eles, o de D. Antónia Ferreira e o Barão de Borrester, que acabou por ser vítima “do rio de mau navegar”.

Histórias, lendas, literatura, romances, fotografia, cartografia, descrições da época romana, medieval e contemporânea, memórias e a transformação da paisagem, associam este local, conjuntamente com S. Salvador do Mundo, a que seja um dos locais mais míticos deste território. A paisagem vinhateira recua por momentos e deslumbram-se os movimentos da Natureza com vários milhões de anos... por momentos o xisto desvanece, e sobrepõe-se o granito. A paisagem natural surge no horizonte, entretanto condicionada com a construção da barragem da Valeira, surgem as penedias e a montanha mágica, sagrada de S. Salvador do Mundo. Do túnel ferroviário da Valeira sai o “gigante de ferro” para a estação da Ferradosa...

Valeira (Vale do rio Douro)



S. João da Pesqueira



Estrada Municipal
N. 1121



41° 09' 29" N
7° 22' 55" W



Todo o ano



A expressão Além Torto, subentende a passagem do rio Torto, curso natural que define a orografia meridional do território de S. João da Pesqueira. Ao longo do seu curso, e para além da existência de moinhos, eram inúmeras as passagens e travessias, que inseridas em trilhos e percursos, possibilitavam a circulação de pessoas e bens entre o norte e sul deste território. Muitas vezes a sua localização e implantação no local pretendido, estava dependente do volume do curso de água, com muitas cheias no período do Inverno e possibilidade de queda e ruína, assim como da proximidade com algumas quintas.

A 8 de Maio de 1875, a Câmara Municipal põe a arrematação " e afixando-se para isso os competentes editais, as poldras no vau do rio Torto, junto às açudes dos moinhos do Veiga, pelo lado debaixo, declarando nos editais afixados que estas poldras podem ser de xisto ou granito, à escolha do arrematante, quando elas se enterrem no leito do rio o suficiente para que as cheias as não levem, ficando acima de qualquer cheia, pelo menos dois palmos, ficando de poldra a poldra a distância de quarenta centímetros (ou dois palmos), devendo esta arrematação ser no último domingo do corrente mês".

Ao longo do seu curso, em vale encaixado, com ritmos de caudal opostos (períodos de seca e de cheia) é possível visualizar áreas naturais, onde subsistem elementos da fauna e flora deste território.

Vale do rio Torto



S. João da Pesqueira
Várzea de Trevões



Estrada Municipal
N. 504-3



41° 07' 05" N
7° 26' 32" W

41° 07' 21" N
7° 26' 59" W



Todo o ano



Situado no Monte da Fraga, que permite desfrutar de uma vista magnífica sobre o rio Douro, o local do antigo Cachão da Valeira e o lugar da Ferradosa, o Santuário de S. Salvador do Mundo é constituído por um conjunto de 9 pequenas capelas construídas a partir do século XVI, que se distribuem desde a base do monte até ao topo, simbolizando algumas estações da via-sacra, com esculturas representativas das cenas da Paixão de Cristo. Foi intenção de Frei Gaspar da Piedade fazer do Ermo uma réplica do Monte Calvário (de Jerusalém). Neste conjunto, destaque para a primeira capela, que desde 1725 estava entregue aos Franciscanos do extinto Convento de S. Francisco existente em S. João da Pesqueira.

No núcleo principal, existe a Casa do Ermitão, a denominada Cova de Frei Gaspar, o alpendre de recepção aos peregrinos e a Capela de S. Salvador (a de maiores dimensões) representando o Calvário. Aparecem-nos associadas a este espaço várias lendas e rituais, como a da Fraga do Diabo, a Praça dos Mouros e a ritualidade de dar o nó na giesta com a mão esquerda... na expectativa de futuro casamento. Tem romaria no dia do Corpo de Deus, e em anos passados existia o ritual religioso da realização de procissão de S. João da Pesqueira, em direcção a S. Salvador do Mundo. Existem lugares eternos...

S. Salvador do Mundo



S. João da Pesqueira



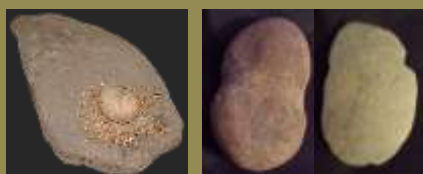
Estrada Nacional
N. 222-3



41° 09' 03" N
7° 22' 15" W



Acesso livre
Todo o ano



Ao longo da margem esquerda do rio Douro, surgem um conjunto de elevações naturais, cujo domínio e campo visual é muito abrangente. Estas elevações sagradas e mágicas, foram ao longo dos tempos ritualizadas, como espaços defensivos, de estratégia, espaços habitacionais e de práticas religiosas. Esta última função é recentemente impulsionada, existindo na maioria dos casos, a construção de pequenos altares e ermidas, aos quais anualmente se realiza a romaria e actos devocionais.

Espaço natural por excelência, esta elevação granítica teve ocupação no III milénio a.c., da qual resultou uma panóplia de materiais arqueológicos, especialmente cerâmicas, mós para trituração de cereais e pesos de rede (em exposição no Museu Eduardo Tavares).

A sacralização destas elevações, está em consonância com o rio Douro, o rio que anteriormente era de “mau navegar”, assistindo-se à construção, junto a estes locais perigosos, de pequenas capelas e nichos, como se verifica a existência de uma capela dedicada a S. Martinho, na base deste espaço, onde para além desta sacralização, serviria de apoio a quintas ali existentes. No vale de S. Martinho existia um porto fluvial, onde pequenas barcas faziam a passagem de bens e produtos para a outra margem, especialmente para a estação ferroviária do Tua.

Senhora de Lurdes



Nagoselo do Douro



Estrada Municipal
N. 501 e N. 1063



41° 11' 37" N
7° 23' 59" W



Acesso livre
Todo o ano



Bem lá no alto e a adornar o cume desta elevação, sobressai este local, onde foram detectados em prospeções arqueológicas, alguns elementos cerâmicos de provável espaço arqueológico.

Inserida em pleno espaço agrícola, no topo do seu cume, é possível visualizar a oeste Soutelo do Douro, a este Nagoselo do Douro, assim como outras elevações sagradas, para além, claro está, da perspectiva a norte, com a presença do rio Douro.

Implantada a cerca de 670 m de altitude com domínio visual sobre o vale do rio Douro e a área classificada do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial, existe uma pequena capela de construção recente, e possui no seu interior as imagens de Nossa Senhora das Neves e Cristo Crucificado.

Em redor desta pequena ermida, e ao longo da encosta norte, sobressaem alguns exemplos de mato mediterrâneo, que encontram neste território apetências para a sua difusão.

Aproveitando a sua amplitude visual, é possível observar o vasto território vinícola, e os mais variados cenários de plantação da vinha, para além de diversas culturas paralelas, como é o caso da oliveira.

Senhora das Neves



Soutelo do Douro



Estrada Municipal
N. 501



41° 10' 58" N

7° 25' 42" W



Acesso livre
Todo o ano

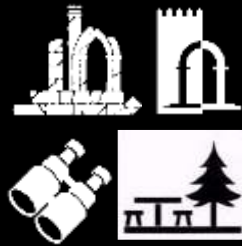


A oeste de S. João da Pesqueira, e na periferia de área florestal, sobressai a ermida da Senhora do Monte, também conhecida por Senhora do Vencimento. As reminiscências e informações de anteriores ocupações e sacralizações, subsistem em espaços fúnebres que ali foram erigidos, de escalas e amplitudes mais reduzidas do que aos existentes no período de afirmação do megalitismo.

Esta ermida possui um pequeno adro que circunda a capela, e nas suas imediações está localizado um marco geodésico. Estrutura de planta rectangular, ao nível do espaço interno, possui as imagens da Senhora do Monte e a de S. Gonçalo de Amarante. Em anos passados, diversas celebrações da Feira da Senhora do Monte (1 de Setembro) realizavam-se neste local, assim como celebrações devocionais inseridas nesse mesmo evento anual.

Enquanto a paisagem a noroeste é assumidamente dominada pela cultura da vinha e do vinho sendo possível visualizar o rio Douro, ao longo da sua linha de cumeada, onde subsiste novo espaço florestal, podem-se visualizar outras elevações deste território, assim como povoações que se situam na margem esquerda do rio Torto.

Senhora do Monte



S. João da Pesqueira



Estrada Nacional
N. 222



41° 09' 33" N
7° 26' 39" W



Acesso livre
Todo o ano



No limite oeste de Castanheiro do Sul, e tendo esta no seu sopé, a pequena ermida de S. Domingos, ocupa o cume de uma pequena elevação, tendo romaria a este local no dia 3 de Maio.

A sacralização deste espaço iniciou-se à vários milénios, sendo que na sua área periférica e junto ao limite administrativo do actual concelho de Tabuaço, subsistem vários dólmens, de escala reduzida, em que foi utilizado o xisto.

Do imaginário popular estão associadas várias lendas a este local, nomeadamente a do sobreiro que não queria sair deste espaço.

No topo desta elevação observa-se a sul toda a “geologia arquitectónica” do vale do rio Távora, onde sobressaem as penedias em granito, enquanto para norte, o vale do rio Torto, e o mundo, o *terroir* Douro com as suas construções da paisagem cultural da vinha e do vinho.

S. Domingos



Castanheiro do Sul



Estrada Municipal
N. 504



41° 07' 19" N
7° 30' 36" W



Acesso livre
Todo o ano



A localidade de Várzea de Trevões celebra a 3 de Maio as festas de Cruz, evento do qual também faz parte a romaria e movimentos processionais ao cume da elevação onde subsiste a ermida de Santa Cruz.

Inserida em pleno espaço florestal, esta ermida aparece-nos de forma simples nesta elevação, mas simbólica na paisagem. Localizada na área setentrional do território de S. João da Pesqueira, tem a norte o território do vale do rio Torto, a sul a presença dos granitos, a este a presença do território do Douro Superior, e a oeste o *terroir* Douro.

Esta elevação destaca-se na paisagem, de onde emergem na sua periferia um conjunto de ribeiras afluentes dos rios Távora e Torto, e alguns vales de características Douro, para além de se iniciar a sul o horizonte visual do planalto beirão, onde se encontram as paredes da beira.

Santa Cruz



Várzea de Trevões



Estrada Municipal
N. 504-3



41° 06' 04'' N
7° 28' 26'' W



Acesso livre
Todo o ano



Do alto da Serra de Sampaio, avistamos o actual aglomerado populacional de Trevões, e observamos no território do Douro e toda a sua paisagem, essências e rituais resultantes de uma sucessiva ocupação humana. Localizada na periferia do rio Torto, e onde nascem várias ribeiras, a serra de Sampaio foi ao longo dos tempos, um elemento geográfico onde sucessivas comunidades encontraram locais de abrigo, subsistência na agricultura, caça, silvicultura, para além de fornecer matéria-prima, o granito, para a construção das primeiras habitações, recintos amuralhados, espaços religiosos e calçadas que permitiam a mercadores e almocreves realizar o seu percurso ao longo deste ponto geográfico.

Observa-se na vertente norte, o povoado do Castelo Velho, datado do III milénio a.c., a Ribeira de Galegos com as ruínas dos seus moinhos e os dois troços de calçada em granito, relembram antigos trilhos e caminhos que mercadores e habitantes utilizavam para atravessar e circundar a serra. A sul, antigas marcas de propriedade, DE V, relembram a presença territorial da Universidade de Coimbra.

Cá no alto, a capela de S. Paio... mártir cordovês do século X. Esta invocação faz pensar numa fundação remota, embora a actual capela seja uma reedificação de 1875 e de 1993.

Os lugares altos proporcionam momentos de reflexão, encontro, espiritualidade e magia.

S. Paio



Trevões



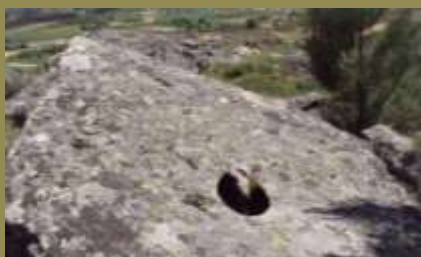
Estrada Municipal
N. 504



41° 03' 43" N
7° 26' 12" W



Acesso livre
Todo o ano



Uma outra elevação mágica e sagrada emerge no território granítico. Sobranceira à actual povoação de Paredes da Beira, e com as serras de Sampaio e Reboledo na direcção este, nesta elevação natural é possível visualizar o território a norte dos xistos, e o território sul dos granitos.

Espaço estratégico, defensivo e habitacional no passado, passou a desempenhar uma função de cariz religiosa, com a construção de uma pequena capela de invocação à Senhora da Assunção, à qual no passado eram realizados actos devocionais e romaria, por entre antigos caminhos carreteiros.

Esta pequena capela tem um altar com retábulo formado por quatro colunas de madeira, decoradas com elementos vegetalistas, com as imagens de Nossa Senhora da Assunção, Santa Quitéria e Santa Eufémia, bem como ex-votos de invocação às imagens referidas anteriormente.

Associada a este local, surgem várias lendas, salientando-se a da Fontinha de Belém. Num afloramento rochoso existente na periferia desta capela, existe uma pequena concavidade, onde fica retida água. A rapariga que molhar naquele local os cabelos, eles nascem e ficam mais fortes. A ritualização dos espaços permaneceu...

Senhora da Assunção



Paredes da Beira



Estrada Municipal
N. 505



41° 03' 57" N
7° 28' 22" W



Acesso livre
Todo o ano



Em território de cariz agrícola, o culto a Santa Bárbara assumiu diversa expressividade, especialmente para a protecção das colheitas aquando das trovoadas e dos eventuais estragos para a produção agrícola. Esta elevação sobranceira ao rio Douro, teve provável ocupação em tempos recuados, tendo sido encontrados diversos objectos cerâmicos. No seu horizonte visual, assiste-se à emergência do território vinícola, à passagem do rio Douro e a presença da natureza granítica a norte, enquanto a oeste, a elevação sagrada de S. Salvador do Mundo destaca-se na paisagem, assim como a pequena elevação da Quinta da Abelheira com os seus prováveis indícios de vestígios arqueológicos. A presença na paisagem é discreta, mas com uma forte componente ritual de onde se observam os diversos quotidianos e ritmos destas comunidades.

Santa Bárbara



Vale de Figueira



Estrada Municipal
N. 541



41° 08' 16" N
7° 20' 34" W



Acesso livre
Todo o ano



Anualmente, realiza-se no final do mês de Fevereiro e início de Março, a Festa dos Saberes e Sabores do Douro, evento que decorre durante o período de floração da amendoeira, e que traz a este território muitos viajantes e curiosos pela mudança de cores da paisagem.

Pretende-se com esta iniciativa expor produtos agrícolas, dar a conhecer a gastronomia regional e o artesanato deste território, proporcionando desde logo a oportunidade de aquisição destes produtos locais, salientando-se o vinho, azeite, enchidos, pão... ou provar, e degustar estes produtos nas diversas tasquinhas que se encontram no recinto deste evento, participar nos diversos almoços regionais, assim como assistir ao vivo a demonstrações de artesãos.

Ao longo de três fins de semana, existe uma programação que abrange o encontro de ranchos folclóricos, grupos de acordeonistas e concertinas, bandas filarmónicas e grupos de cantares.

Durante este período, pretende-se mostrar diversas potencialidades deste território, nomeadamente a gastronomia, os produtos locais e a arte do saber fazer expressa no artesanato local.

O início do ciclo primaveril, das colheitas e do renascer da paisagem.

Festa dos Saberes e Sabores do Douro



S. João da Pesqueira



Rua da Figueira



41° 08' 50" N

7° 24' 19" W



Acesso livre
Fevereiro/Março



As actuais ritualidades do S. João reportam-nos para o universo da água, do (re)nascimento, do novo calendário temporal e das práticas agrícolas... a água como elemento de vida, indissociável na origem do atual território e que deu origem á designação de S. João da Pesqueira associada a uma posterior sacralização desse local, representada na simbologia do peixe (simbologia do cristianismo)... Junho, mês do solstício de Verão, das plantas de cheiro, das orvalhadas, da pujança das culturas dos campos.

Ao longo dos tempos foram implementados diversos rituais para a celebração deste momento cíclico: levantavam-se cascatas, devia haver água, sempre água a correr, colocava-se o santo, acendiam-se as fogueiras com a bela-luz e o rosmaninho para se saltar perante a benzedura do fumo, visitavam-se as cascatas, "roubavam-se" vasos de craveiros das varandas e janelas e colocavam-se na fonte da praça para a enfeitar até acabar a festa.

Hoje, ainda é uma festa da rua, do coletivo, da participação da natureza, do sagrado, cíclica (calendário agrícola e cósmico), alegria e compromissos futuros... realizam-se as marchas populares, nas tasquinhas prova-se o caldo verde e a sardinha assada, dança-se e usufruiu-se da noite mais longa do ano... o solístico de Verão.

S. João



S. João da Pesqueira



Rua da Figueira



41° 08' 50" N
7° 24' 19" W



Acesso livre
23 e 24 de Junho



A Feira da Senhora do Monte realiza-se no dia 1 de Setembro em S. João da Pesqueira. Correspondendo ao dia da feira franca anual, em tempos recuados, esta feira realizava-se no terreiro da ermida da Capela da Senhora do Monte, onde para além de diversas diversões, existia celebração religiosa, chegando mesmo a ser o dia de “feriado” neste território. Posteriormente a feira foi-se fazendo pelas artérias da localidade, sendo que em muitos anos, a mesma iniciava-se na véspera do dia 1, com a chegada dos vendedores, das diversões e da montagem das tasquinhas. Nesta feira também era comercializado a venda e troca de gado (ovino e caprino), assim como de gado muar (burros, cavalos, mulas), especialmente no espaço da Devesa. Durante os finais da década de 80, este evento sofreu uma remodelação ao nível da programação, onde para além das habituais actividades, chegou a ter no seu programa vários dias de espectáculos musicais, assim como diversas mostras expositivas.

Recentemente, neste dia continua a realização da feira franca anual em S. João da Pesqueira, sendo um dos dias que mais pessoas vêm a esta localidade. Para além da feira franca, são realizadas corridas de cavalos (passo travado, galope e trote) assim como corrida de toiros. Neste dia chegaram a ser realizados concursos pecuários de gado caprino e ovino.

Feira da Senhora do Monte



S. João da Pesqueira



Av. Marquês de
Soveral



41° 08' 50'' N
7° 24' 19'' W



Acesso livre
1 de Setembro



A presença do vinho neste território remonta ao período da romanização, com a introdução da cultura da vinha, sendo que posteriormente, e sendo um território com forte presença monástica durante o período medieval, a área de cultivo se vá expandindo, para que em 1756 seja criada e regulamentada pelo Marquês de Pombal, a primeira região de vinhos, a Região Demarcada do Douro.

Neste território, desde logo a presença da cultura da vinha e do vinho é mencionada ao longo das diversas cartas de foral atribuídas durante o período medieval. A vinha era uma cultura em crescimento, e ao longo dos tempos foi sendo a principal actividade económica.

Por Setembro e Outubro o ritual, a azáfama e o ciclo da vinha e do vinho, encontra o seu expoente máximo na recolha da uva, nas vindimas. A paisagem deixou a cor verde, e adoptou a cor amarela, tons laranja e avermelhado... será assim durante este espaço temporal, ainda celebrado em alguns locais, com o S. Miguel das Uvas, o fim das vindimas. Ao longo da paisagem, assiste-se ao corte e transporte da uva, ao movimento de pessoas e máquinas, ao funcionamento de lagares e adegas, ao cheiro a mosto, à pisa da uva... à transformação da paisagem e à pujança do ciclo da vinha, expresso na sua alma: o vinho.

Vindimas



No território do Douro, a cultura mais importante depois da vinha, era e é, a da oliveira. Os olivais podiam ser armados em socalcos contínuos, à semelhança da vinha, ou em socalcos individuais, em que cada árvore se via rodeada por um muro circular de protecção. Dependendo da orografia do relevo, e principalmente em áreas mais planas, assiste-se à plantação de olival contínuo, sendo que recentemente, muitas áreas plantadas são preparadas para a mecanização.

O ciclo vegetativo e produtivo da oliveira, inicia-se com a sua plantação (propagação), por rebentos, estacas, enxertos, posteriormente assiste-se ao crescimento vegetativo dos ramos (Abril a Junho) e ao processo de inflorescências, em que a oliveira apresenta flores de dois tipos: perfeitas e imperfeitas. Após a limpa da flor, surgem os primeiros bagos de tom verde, que após um período de crescimento, atingem a maturação (e mudança de cor, dependendo da variedade da oliveira), sendo a sua apanha, e no caso desta região, realizada nos meses de Dezembro e Janeiro.

Durante estes dois meses, assiste-se ao “varejar” e “apanha” da azeitona, por processos tradicionais ou mecânicos, sendo de seguida levada para lagares mecânicos, obtendo-se posteriormente o azeite.

Apanha da azeitona



A Vindouro, Festa Pombalina é um evento anual com raízes no mundo da vinha e do vinho, que em vésperas de vindima, proporciona três dias intensos de descoberta, partilha de conhecimentos e experiências. CONVERSAS SOBRE VINHO | MERCADO POMBALINO | EXPOSIÇÕES | LEILÃO DE VINHOS | JANTAR POMBALINO | MÚSICA AO VIVO | PROVA LIVRE COM PRODUTORES DO DOURO, são temáticas de um programa abrangente para diversos públicos.

O Salão de Exposições de S. João da Pesqueira acolhe dezenas de produtores da região, que aproveitam para apresentar os mais recentes lançamentos sem esquecer as referências incontornáveis. Para o público que quiser melhorar conhecimentos sobre vinho haverá conversas, em tom informal, que ajudarão a perceber como selecionar vinhos do Douro para um consumo quotidiano e como harmonizar Vinho do Porto e gastronomia. O desfile pombalino, na tarde de domingo, recuperará a atmosfera do século XVIII pelas ruas do centro histórico de S. João da Pesqueira, que culmina com o já tradicional leilão de vinhos na Praça da República. Como também tem sido hábito, o evento apresenta um cartaz de espetáculos musicais com nomes de primeira grandeza do panorama nacional.

Vindouro, Festa Pombalina



S. João da Pesqueira



Centro Histórico



41° 08' 50" N
7° 24' 19" W



Acesso livre
1º Fim de semana
de Setembro



Este território prima pelo carácter de unicidade da paisagem construída, assente na cultura da vinha e do vinho, e no quotidiano das populações que aqui diariamente contribuem para a sua constante transformação. Incluído na Região Demarcada do Douro, neste território existe uma grande predominância de quintas produtoras de vinhos do Porto e DOC Douro, para além de pequenos e médios produtores, que no seu todo, modelam o mosaico identitário deste território.

O azeite tem desempenhado um papel bastante importante nos usos e costumes, destacando-se o uso na gastronomia, onde é ingrediente indispensável na maioria dos seus pratos. Foi uma importante fonte de iluminação pública, e das habitações particulares, assim como um medicamento em diversas doenças do homem e dos animais. A denominação de origem aplica-se a azeites com origem numa área geográfica delimitada, com solos e clima característicos e são exclusivamente elaborados com azeitonas de certas variedades de oliveiras, que em bordadura, em socacos, ou em olivais proliferam ao longo deste território.

A cultura da amêndoa tem especial predominância na área geográfica do Douro Superior, onde também se inclui o território de S. João da Pesqueira. Em bordadura, ou concentrada em amendoal, a cultura da amêndoa encontra nesta parte do território grande expressividade e área de expansão.

Vinho, Azeite e Amêndoa



A orografia e o clima da área sul deste território, propicia o desenvolvimento de outras culturas de características beirãs, nomeadamente a castanha, a maçã e a cereja. A sua importância como base alimentar e económica neste território, e a sua existência, vem já referenciada, entre outros, no Foral de D. Manuel I (1510) em que serviam (especialmente a castanha e a maçã) para o pagamento de tributos e impostos.

Ao longo da paisagem sul deste território, assiste-se à implementação destas culturas, beneficiando de uma orografia que permite a sua mecanização e da permanência de água de forma mais consistente, em oposição à paisagem norte do território, de clima mais quente e seco.

Durante os meses de Setembro e Outubro, começa o ciclo da apanha da maçã e da castanha... a cereja pode ser no mês de Maio, e eventualmente Junho. A versatilidade destes produtos vai desde a sua utilização na gastronomia (doces, licores, sumos, compotas) como para produtos de saúde e beleza.

Enquanto a macieira ou a cerejeira são árvores de pequeno/médio porte, existem castanheiros de grande porte, com dezenas de anos. Um outro mosaico de cores, hábitos e saberes presente neste território.

Castanha, Maçã e Cereja



Uma outra ligação com o clima Mediterrâneo presente neste território, é a existência de práticas e culturas agrícolas com apetência neste clima, nomeadamente ao nível dos produtos secos. As referências à existência destes produtos neste território, remontam a disposições da Idade Média, assim como a regulamentos e a menções de cariz comercial.

A implantação da figueira subsiste nas áreas mais secas deste território, onde o fruto pode ser colhido e consumido em verde (de coloração branca a roxa) ou em seco. Os primeiros figos da figueira denominam-se de figos lampos, para posteriormente a planta vegetar novo fruto.

Uma outra cultura presente, é a do mel... beneficiando da existência de áreas de ecossistemas naturais, onde predomina o rosmano e a esteva, subsistem colmeais ao longo da paisagem. No passado, estes colmeais, entretanto desactivados, eram murados e caiados, possuíam socalcos e escadaria no seu interior, existindo ainda na paisagem alguns exemplares destes antigos colmeais.

A cultura da noz, complementa esta ligação ao mundo dos frutos secos, embora de forma residual, em comparação com a amêndoa. Ao longo da paisagem subsistem apontamentos e práticas destas culturas.

Figo, Mel e Noz



Num território de forte cariz agrícola, a produção de gado caprino e ovino, assume-se como uma mais-valia económica. Ao longo do território subsistem unidades de exploração de carácter familiar, variando o número de cabeças com a disponibilidade para o seu pastoreio. Da prática desta actividade, resulta uma panóplia de produtos, destacando-se os enchidos e os queijos de produção artesanal.

Comunidades com fortes ligações ao rio Douro (*Sancto Joahni de Pescaria*) e aos seus afluentes, ao longo de várias épocas do ano, assiste-se ao acto da prática da pesca, agora condicionada com a construção das barragens no leito do rio Douro, não permitindo uma maior diversidade de espécies piscícolas. As referências ao sector piscícola neste território abundam em diversa documentação medieval, destacando-se a pesca no rio Douro, no Foral de D. Manuel I (1510) “na pesqueira grande que chamam de Pena” e “nas outras pescarias antigas”.

Sendo um rio de montanha, cujo curso é ao longo de um vale encaixado, nas suas águas surgem espécies como o barbo, a achigã, o lúcio, a carpa e a perca, sendo que no passado existiam também enguias, trutas e sáveis. O lugar da Ferradosa é o espaço privilegiado para a prática desta actividade.

Criação de gado, Queijo, Enchidos e Pesca





A arquitetura vernacular é um tipo de património arquitectónico moldado pelas práticas culturais, sejam elas actividades de subsistência, representações sociais ou marcações simbólicas. Enquanto se mantém vivo, este património necessita de mudar e de se adaptar constantemente para continuar a responder às necessidades sociais, sob pena de ser abandonado por obsoleto ou mesmo eliminado por recordar vivências menos dignificadoras.

Para além da arquitectura da paisagem, da modelação e construção de socalcos com um ou dois bardos de vinha (pré-filoxéricos) ou oito a dez bardos de vinha (pós-filoxéricos) aos pequenos aglomerados populacionais, encontram-se unidades de produção vitícola de pequena e média dimensão, as quintas, com todas as suas construções habitacionais, os espaços de produção e em alguns casos o espaço religioso. Existem ainda outras construções emergentes na paisagem construídas como forma de dar resposta a uma determinada função, nomeadamente os moinhos, azenhas de cereal e lagares de azeite que usavam a água ou a tracção animal como força motriz, fornos para secar figos, caminhos carreteiros, lagares de vinho, de currais, abrigos e telheiros isolados junto das terras de cultivo, eiras, pombais....

Técnicas construtivas



Acorda, cristão, acorda,
desse sono tão profundo,
lembrai-vos das benditas almas,
que já estão no outro mundo.

Rezemos-lhe um Padre Nosso,
com uma Avé Maria,
seja pelo divino amor de Deus.

Acorda, cristão, que és terra,
olha que hás-de morrer,
hás-de dar estreitas contas,
do teu bom e mau viver.



O Amentar das Almas realiza-se todas as sextas-feiras, durante o período da Quaresma, não tendo este momento, uma data fixa para a sua realização. Ao longo deste período, uma vez por semana, todas as sextas-feiras, realiza-se o Amentar das Almas, em diversos locais do Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira. O momento inicia-se por volta da meia-noite e tem a duração de cerca hora e meia. O Amentar das Almas em S. João da Pesqueira, é um momento processional, que se realiza no Núcleo Histórico desta localidade. Ao longo de sete locais, um grupo de pessoas, entoa em coro, cânticos, numa entoada triste e lenta, ladainhas destinadas à *salvação das almas do purgatório*.

O percurso inicia-se nas arcadas da Praça da República, segue pela Rua Dr. Francisco José Bernardes (antiga Rua do Outeiro) e faz uma pausa junto à Travessa dos Gatos. O terceiro momento de pausa e onde se realiza novo cântico, é a meio da Rua General Humberto Delgado, seguindo-se o Largo de S. Pedro. O quinto momento é a meio da Rua da Figueira, subindo-se de seguida para o topo da Rua Direita, junto ao alçado Este da Igreja de S. João, onde se entoa o sexto momento. O último, e sétimo momento, é no Adro de Santa Maria, junto ao busto do *Padre João*.

Práticas religiosas e processionais



A gastronomia deste território está intimamente relacionada com o saber fazer destas comunidades, com os produtos que aqui emergem, assim como com práticas e ciclos festivos, em que se confeccionam determinadas iguarias gastronómicas.

A base desta gastronomia assenta na trilogia e dieta mediterrânea, em que grande parte dos produtos deriva da agricultura local e onde se encontram receitas e formas de cozinhar próprias de cada lugar, refeições partilhadas, assentes em celebrações e tradições. Percebe-se desde logo, que existem iguarias à base do peixe do rio, aqui pescado, dependendo da espécie, seja ele frito, assado ou “em escabeche”.

No universo das carnes, existe uma panóplia de enchidos e fumeiro, bem como pratos onde o cabrito, cabra e cordeiro, que assumem um papel determinante nesta gastronomia. Para além do pão aqui confeccionado em fornos de lenha ou de forma industrial (que aliás era muito afamado no passado) subsiste a confecção de biscoitos, bolas de carne e de amêndoa ou outros produtos secos, para além de acompanhamentos com mel e compotas. Os doces, a fruta, os vinhos DOC e vinhos do Porto complementam as ofertas de degustação mais importantes e identitárias presentes neste território.

Gastronomia



S. João da Pesqueira – Douro - Portugal



